

MULHERIO

ANO VII Nº 35 - DEZ 1987 - SÃO PAULO - BRASIL GZ5 50 00

Jose Medeiros



AMOR BANDIDO:

TRES CASOS NO RIO
E UM DEPOIMENTO EM SÃO PAULO

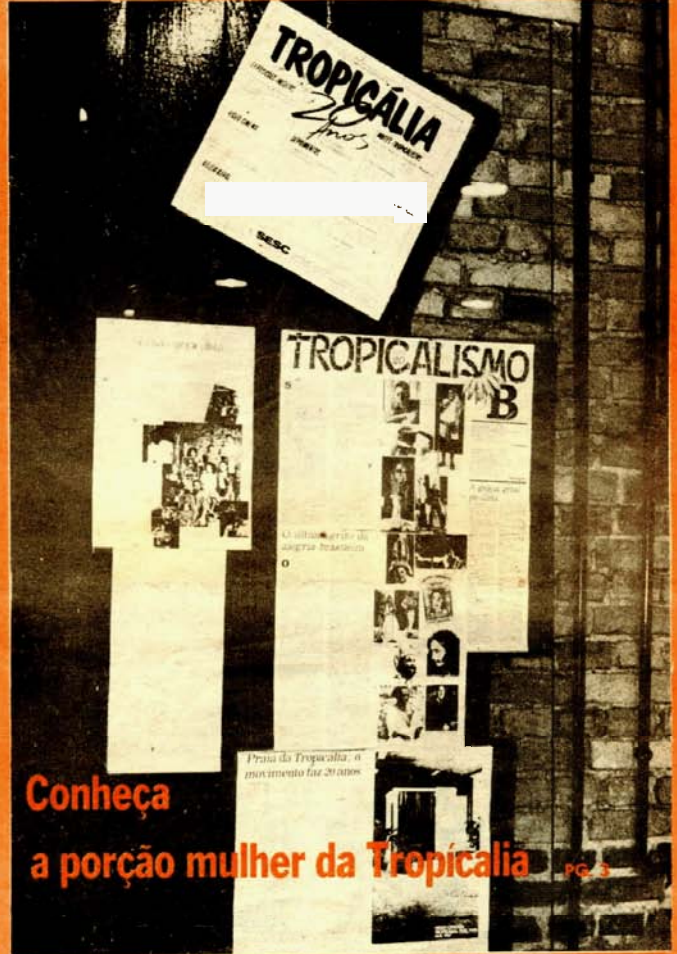
PGS. 11, 12 e 13

Abel



Leila,
Cocina
de Imágenes
e
Fest-Rio.
Tudo é cinema

PGS. 6, 7, E 8



Conheça
a porção mulher da Tropicalia

PG. 3



RUA 57, GOIÂNIA.
O drama da radiação
contado por Gabeira

PG. 14

Ivan T. Silva

Cida Souza

PONTOS DE VENDA

DISTRITO FEDERAL

Delzeni Ribeiro: SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (061) 226-0482, Brasília.

LIVRARIAS:

Sodiler: Conj. Nacional Presença: SDS B1 E lojas 11/15 UNB Nossa Livraria: Campus Universitário

BANCAS:

Rodoviária: Plataforma da Rodoviária

GOIÁS

Cevam: Av. T-1, 2.078 setor Bueno Goiânia

MINAS GERAIS

Espaço Cultural Livros e Artes: Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL

Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão: (091) 229-6336, Belém

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nave Iguacu, 624, fone (041) 23-3362.

PERNAMBUCO

Wilma Lessa: fone (081) 24-0685.

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11, Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça. Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0612) 26-9747, Porto Alegre.

Banca Vera Cruz: Praça da Alfândega.

LIVRARIAS

Graphis, Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340.

Livraria CAEE/ufersg: Av. Paulo Gama, s/n.

Livraria Autores Nossos: Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura.

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

Livraria Arcano 17: Av.

Protázio Alves, 1.138.

Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291.

Livraria Mercado Aberto: Rua da Conceição, 205.

Livraria Palmirina: Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar.

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardiro, 120, loja 4.

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

SANTA CATARINA

Ana Lúcia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

SÃO PAULO

Trans-entrega Maciel: R. Frei Santana Galvão, 26, Ponte Pequena.

Carla Berro (assinatura): R. Martins Fontes, 268 apto 302.

BANCAS

Na capital Mulherio é encontrado em todas as bancas onde se vende Jornal do Brasil.

LIVRARIAS

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasiliense: Rua Augusta, 2.345, São Paulo.

Carto da Prosa: Rua Simão Alves, 46, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

De Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litens: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

Litens: Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1.033, São Paulo.

CAMPINAS

Maria Alice Poes: fone: (0192) 43-3267.

TAUBATÉ

Aparecida Fátima da Silva Ferreira: R. Antero Ferreira da Silva, 28 - Vila São Geraldo.

2

Mulherio
Dez. 87



MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúlvio Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloise Buarque de Holanda (UFRJ/Stanford University, USA); Lúcia Castello Branco (ensaísta, MG); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editores-responsáveis: Inês Castilho (MTB 17.504); **Editores:** Santamaria Silveira (MTB 13.517); **Reportéres/Redatores:** Laurimar Coelho e Paula Mageste; **Secretária de Redação:** Tania Cristina Vieira de Paulo.

Arte: Etana Kestenbaum, Marco Irici; **Administração e Finanças:** Mônica Boudayé; **Assistente:** Maria Tereza de Lima; **Distribuição e Divulgação:** Susana Beatriz Meza Henke; **Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

Mulherio é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil. R.J. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

Fotocomposição Catálogo Studio Rua Pamplona 1224 - Sobre Loja - Tels.: 288-9239 - 287-6634.

Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.



ERRAMOS
Por um problema de gráfica, o número da edição anterior saiu errado. O Correto é nº 34



Sucesso de Adélia Prado

O número 33 do **Mulherio** está demais! Adreia é a entrevista com a Adélia Prado. Que experiência de vida essa mulher deve ter! Pena que só a tenha conhecido agora; mas ainda dá tempo de procurar e ler seus livros.

Maria Angela Machado
Rio de Janeiro

Omissão da imprensa

Sou professora e curso terceiro ano de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas. Há alguns meses venho recebendo o **Mulherio**, um jornal importante. Quero parabenizá-las pela excelente reportagem "Os estupradores que viraram heróis", do número 33. Gostaria de me informar melhor sobre a perseguição movida contra os quatro "desportistas" que foram à Suíça desmerecer a imagem de centenas de brasileiros honestos que vivem e trabalham neste País ultracivilizado. Lamento também a omissão da imprensa em geral sobre o caso.

Priscila Elizabeth Schmidt
São Paulo

MinC esclarece

Após o Encontro Nacional "Ação Cultural e Prostituição", pretendíamos iniciar um grande trabalho de reflexão, comprometendo-nos a enviar imediatamente fitas de vídeo sobre o assunto. Porém, como o programa "Ação Cultural e Prostituição" está funcionando em situação diferente das demais no Ministério da Cultura, estando sediada fora de Brasília, especificamente na Casa da Cultura da Prefeitura do Município de Jundiaí (SP), sem funcionários contratados para o desenvolvimento do mesmo, até agora não conseguimos resolver questões burocráticas para um repasse de verba que suprisse as primeiras necessidades, a fim de adquirirmos material para envio às pessoas dos diferentes Estados e montarmos nosso jornal.

Tendo em vista ser a implantação do programa uma decisão do Ministério, estivemos com o ministro Celso Furtado no último dia 22 de outubro apresentando um relatório de trabalho e solicitando providências urgentes para a resolução de entraves burocráticos.

Pedimos desculpas pelo não-cumprimento das propostas de trabalho, colocamo-nos à disposição para maiores informações e faremos novo contato após resposta do Ministério da Cultura.

Maria Cristina Castilho de Andrade
Assessora especial do SEAC/MinC

Feminist Teacher



Retorno de Israel

Recebi o número 30 do **Mulherio** e gostei. Aprecio também que tenham publicado meu pedido. Por enquanto ninguém se manifestou, mas, quem sabe? Quando eu estiver pronta para divulgar uma parte ou os resultados de minha pesquisa, mandarei um resumo de algumas páginas.

Hadassa Grossman
Israel

Educação feminista

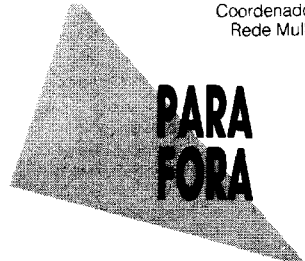
Feminist Teacher está procurando artigos para uma edição especial sobre educação feminista internacional. Estamos especialmente interessados em questões de raça e classe e em experiências de lecionaria em locais não tradicionais, onde estejam baseadas comunidades. Procuramos relatos integrados de experiências coletivas, descrições de curso, bibliografias, pesquisas de livros e informações de redes para professoras feministas.

A revista é multidisciplinária, almejando educadores em todos os níveis — pré-escola a 2º grau, em salas de aula ou educação comunitária. A periodicidade é quadrimestral e a distribuição é feita em dez países. Para maiores informações ou para o envio de artigos, escreva para: Feminist Teacher, Ballantine 442, Indiana University, Bloomington, IN 47405, USA.

Espaço para denúncia

Queremos agradecer a publicação no **Mulherio** nº 33, mês de outubro, do documento de denúncia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, Pará. Como se sabe, denunciar através da imprensa as injustiças de que são vítimas, os camponeses brasileiros e da máxima importância para a população daquela região. Já enviamos exemplares do **Mulherio** para o STR, CPT e para grupos de mulheres das regiões com as quais temos contato.

Moema Vizezer
Coordenadora da Rede Mulher



TROPICALISMO: Ritmo Feminino

O Tropicalismo, último movimento de vanguarda do País que comemora 20 anos, foi movido por uma ânsia feminina, presente em seus compositores. Essa é a teoria de Tom Zé, para quem só a mulher poderia absorver e traduzir a revolução tecnológica para um Brasil artesanal.

GIOVANNI LORENZON

Tom Zé ficou bastante conhecido, após a composição de "São Paulo, Meu Amor", pela sua proverbial abstração, que alias tem a mesma idade de seu único sucesso: duas décadas. Nesse período, as energias que ele guardou deixando de produzir uma sólida discografia, provavelmente foram canalizadas para sua inesgotável capacidade de devaneio. Coisa de baiano, dizem alguns. Coisa de intelectual, diriam outros. Coisa de mulher, diz ele.

Antes de qualquer mal entendido, explica-se: como Tom Zé somente fala ou escreve sobre o Tropicalismo, mais frequentemente nesses meses que o movimento está completando 20 anos, e a sua "porção mulher" que vive em permanente reflexão a respeito da última revolução, "intuitivamente feminina", na música popular brasileira. Para o compositor, que funcionou como uma espécie de guru e consultor durante um mês inteiro (terminou no último dia 17) de eventos comemorativos no Sesc Pompeia em São Paulo, o Tropicalismo apenas foi deflagrado

porque tinha muita mulher na jogada. Enganada-se, entretanto, quem espera traduzir suas palavras por Gal Costa (Maria das Graças à época), Rita Lee e Nara Leão. Tom não as excluiu das ovações recebidas pelo movimento, evidentemente, mas, e sobre a feminidade encontrada nas estrelas masculinas que ele se baseia: "E aí sim é coisa de baiano: 'O homens da Bahia têm muito de mulher no sangue'".

Para quem não se lembra, foi a providência — digamos, a tropical — que uniu alguns jovens artistas da terra de Jorge Amado como mentores da ropicalia — por sinal um título mais eminino. Assim, enquanto em um Oceano de distância o mundo assistia aos hippies, aos beatniks, no rock n' roll, às teorias de Sartre e Marcuse, à Guerra Fria e o napalm ranque prepararem o terreno para o maio parisiense de 68, no Brasil Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Capinam sutilmente começavam a espanar o gas lacriogênio da ditadura.

Revolução Industrial

Era mais ou menos 1967. O País, verde-oliva, para descansar um pouco lo eterno la-ti-bi-ta-ti da bossa nova do pastiche da jovem guarda, acompanhava pela televisão os festivais da feccord, com suas feccordas lotocidas estidas de gola-rolé. Foi quando com Alegria, Alegria", musicada por um rranjo eletrônico no meio dos salões o MPB, acendeu o estopim. Vieram utras de Caetano e de outros: "Soy, oco por ti, America", "Superbaçana", Tropicalia etc. Nisso o movimento tem seus agregados — Gal, Os Mutantes, Rogério Duprat, Torquato Neto, Nara Leão — ganha um programa



Tom Zé:
"A mulher
tem uma natureza
mais aberta"

na televisão (Divino Maravilhoso), aparece no cinema (Terra em Transe, de Glauber Rocha), no teatro (O Rei da Vela, de José Celso Martinez) e na poesia de Augusto de Campos.

Tudo para mostrar à xenofobia de esquerda e de direita que era possível encontrar uma síntese entre o brasileiro e o estrangeiro, através de recursos literários e instrumentais de vanguarda. Ou seja, era proibido proibir na música popular brasileira. Mas, segundo Tom Zé, o Tropicalismo também teve um papel ainda mais importante. Com a sensibilidade da mulher, eles estavam querendo preparar o Brasil para o advento da terceira revolução industrial, pois eramos uma nação artesanal, pobre e atrasada culturalmente.

Na sua versão lupri or not lupri do milagre brasileiro baixado por decreto, Tom Zé quer dizer que num País que não tinha ainda tevê a cores, videolape e satélite, tinhamos que encarar as transformações que estavam por acontecer. E so mesmo a mulher, ou como quer o nativo de 51 anos de Irara-sobre-o-no-seco, "a sensibilidade feminina", enranhada naqueles maus moços", prostitutas de primeira grandeza, para absorver o choque de gerações que a tecnologia estava trazendo.

"Nós fomos a mulher doidivana que se enamorou da tecnologia surgente", afirma no seu jeito muito-mais para mineiro com ar professoral — não fosse o sotaque de azeite de dendê... A primeira vista, parece mais um delirio, so parece. "O sexo masculino sempre apresentou o lado messiânico muito refratário as inovações, enquanto a mulher tem uma natureza mais aberta", completa Tom. Apesar, vale

acrescentar, da sociedade veladamente patriarcal não ter (e não querer) endossado ainda tal característica.

Exemplo Grego

Por falar em patriarcal, outra tese do tropicalista maduro dá conta de que o ciclone musical que passou pelo Brasil naquele fim de década não aconteceu, através da força e da obra dos baianos, por atavismo. Para ele, o de de sangue feminino que corre nas veias do macho da Bahia não apareceu na geração dos 60 depois de hibernado nos ascendentes imediatos. A mistura e antiga. Se fosse possível quantificar, Tom Zé arrisca em apontar a sociedade patriarcal baiana dominando uma faixa de 60%. Comparando em São Paulo esta para 90%.

Claro, a influência da mãe África, — onde o patriarcalado é base familiar — esta imantada lá com a mesma energia de Todos os Santos. Ou de todos os deuses e deusas. Não é, portanto, por acaso que Tom Zé invoca lendas gregas, repletas daqueles deuses graciosos, para justificar a geleia geral da ropicalia. "Assim como Pasitae se enamorou do touro de Poseidon e da gravidez nasceu o Minotauro, da nossa gravidez, ou da gravidez de nossa feminilidade, depois de amarmos esse touro-tecnologia, também advindo do estrangeiro, deu no Tropicalismo", argumenta. Tem também a do-Tiresias, que os gregos afirmam ter vivido sete outonos como mulher. Essa, ele escreveu em um dos seus artigos da coluna "Antena", do Caderno 2 — espaço que regularmente se exercita para poucos entendidos e de onde Tom lançou publicamente a opção cor de rosa do tropicalismo. Da mesma saíra,

suas ideias estão coroadando o catálogo editado pelo Sesc para coroar o ilustre aniversário.

Patriotas Demais

Até agora a importância da mulher no movimento ficou demonstrada, raticionando com Tom Zé, no plano subliminar, espiritual, volátil da significação. Sobre, enfim, a participação dela no plano físico, em carne e osso, os nomes estão aí, todos conhecidos; mas, se é para destacar alguns, também lembrar de "nossas mulheres": Neuza (a dele), Belina (a de Gil), Dede (a ex de Caetano) e as demais. Em todo caso, se não se alonga muito em observar os valores femininos individuais, e porque "nunca pensei na mulher enquanto sexo, e sim enquanto anima, presente na espécie humana".

Com esse pensamento, um novo Tropicalismo hoje na certa seria taxado copiosamente de "coisa de bonecas", ao passo que há 20 anos "crisismo da classe média verde-oliva o classificou de "antipatriota". Tanto que o curto verão da anarquia brasileira não sobreviveu ao turbilhão avassalador de patifarias dos dois lados da trincheira política. Durou no máximo três anos, apesar de suas sementes terem germinado mesmo ao longo de uma década apática como a posterior. Como que profetizando, em 70 John Lennon gritou "the dream is over", alertando o mundo para o fim do sonho. Para a mulher brasileira, da America, continuamente de nome feminino, era só o começo. "Soy loco por ti, America" — o hino tropicalista — não nasceu por mera coincidência.

Giovanni Lorenzon é jornalista

Avanços na mira dos empresários

A aprovação de algumas medidas que favorecem os trabalhadores vem provocando intensa reação de constituintes e de nomes expressivos do empresariado nacional. Mas, deputados protagonistas acham que elas são poucas e que existe muito, ainda, a ser conquistado.

YEDA TEIXEIRA

Os trabalhadores conseguiram algumas vitórias parciais na Constituinte: pagamento do aviso-prévio proporcional ao tempo de serviço, licença médica ampliada para 120 dias às gestantes, estabilidade parcial no emprego, redução da jornada de trabalho e hora-extra paga em dobro. Todas são medidas que formalizam antigas reivindicações da classe trabalhadora. O empresariado, por sua vez, fala em recessão e desemprego. E, mais, preocupado com os rumos que a Constituinte vem tomando, decidiu se unir para direcionar os caminhos que deve tomar. Já articulou o Centro, cerca de 300 Constituintes de direita e centro-direita, e uma campanha em horário nobre pela tevê contra a estabilidade no emprego, promovida pela União Brasileira dos Empresários (UBE).

Desde o mês passado, em reunião na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), nomes expressivos do empresariado paulista se posicionaram frente ao desejo de formar um "bloco de centro", que de início apoia o presidente José Sarney em suas pretensões de ficar cinco anos no poder pelo regime presidencialista, duas propostas derrotadas pela Comissão de Sistematização, que já colocou as eleições presidenciais nas ruas, apesar de precisar ainda da aprovação do plenário.

Os empresários rejeitam os avanços sociais e trabalhistas da Constituinte e se articulam na defesa de suas teses. O deputado federal Guilherme Afif Domingos (PL-SP), por exemplo, acha que os trabalhadores não obtiveram vitórias na Sistematização: "Estou temendo pelo trabalhador brasileiro", lamentou. "O grupo que votou essas conquistas, votou contra o trabalhador, já que 53% da força de trabalho neste País é constituída de mão-de-obra informal, ou seja, sem registro em carteira".

Para Afif, as medidas beneficiam uma minoria dos 53 milhões de trabalhadores que compõem a população economicamente ativa do Brasil. Afirmou que os constituintes tomaram como padrão do mercado de trabalho as empresas ABC paulistas multinacionais e as estatais, privilegiando uma elite. Afif Domingos considera que o trabalhador perde, às vezes a primeira, acreditando nos estereótipos eleitorais que vitimaram a população com o Plano Cruzado. Depois, tornando esses mesmos "estereótipos" na Constituinte. "Eles continuam prometendo dar o que não têm", conclui Afif.

Os temores dos empresários frente às emendas aprovadas pela Consti-

luinte são comparados pela deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), à mentalidade dos senhores de escravos do século passado: "Eles diziam que se a escravidão terminasse, a economia estaria arruinada". Segundo a deputada, a proteção contra a dispensa imotivada foi a mais importante medida votada até agora, entre as relativas aos direitos trabalhistas.



Tavares: "Proteção contra a dispensa imotivada é o mais importante"

Um novo confronto

Também para o deputado José Genoino (PT-SP), a conquista mais importante foi a estabilidade parcial no emprego. Para ele, esta é uma forma de conter a rotatividade de mão-de-obra, "já que este País é um dos campeões de rotatividade e de execução de horas-extras. No setor da construção civil, a rotatividade este ano já registra 105%, enquanto no setor metalúrgico a taxa é de 40%, muito acima do limite tolerado nos países desenvolvidos, onde não deve ultrapassar 10%".

Genoino analisa a rotatividade sob a ótica da "chantagem do empresariado", através da qual este mecanismo serve à "dispensa de um e contratação de outro trabalhador para a mesma função, com salário inferior". O deputado alertou para uma campanha contra a Constituinte por parte do que chama "grande empresariado", que poderá vir a ser deflagrada em consequência das vitórias trabalhistas.

O movimento deflagrado pelo deputado Afif Domingos que tem por slogan "Prepare o bolso" destina-se a "lutar em plenário para fazer retroceder algumas decisões tomadas pela Constituinte", além da declaração de Aldo Lorenzetti, presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica (Albinee) dão suporte a essa suspeita. Lorenzetti afirma, categoricamente, que se "a Constituinte aprovar a desapropriação rural e a estabilidade



Medidas aprovadas pela Constituinte em favor dos trabalhadores:

- Os sindicatos passam a defender não apenas os direitos coletivos dos trabalhadores em convenções trabalhistas, mas os direitos individuais com as empresas, onde os assalariados trabalham.
- Os sindicatos prestarão uma assistência cotidiana a seus associados e não sofrerão intervenção do Estado.
- O imposto sindical será extinto.
- A licença maternidade foi ampliada de noventa para 120 dias.
- Foram abolidas as restrições que impediam os funcionários públicos de fazerem greve.
- A demissão imotivada é proibida, com exceção aos empregados domésticos, os funcionários temporários e os trabalhadores de empresas com menos de dez pessoas registradas.

Questões ainda em negociação

- Recuperação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) como pecúlio na tentativa de impedir que o governo não o corrija conforme a inflação.
- As empresas com rotatividade muito alta, poderão pagar os avisos-prévios maiores, ou seja, superior a um mês de salário.



Genoino: "O Brasil é campeão de rotatividade no emprego"

no emprego, o País pode quebrar ou sofrerá mudança bruscas no sistema de governo, com risco de golpe militar".

Ainda assim, para o constituinte José Genoino, a redução da jornada representa "um primeiro passo" para se chegar à meta pretendida: 40 horas semanais, ampliando o mercado de trabalho. Explicou, ainda, que as medidas aprovadas não privilegiam uma minoria, pois já foi votado um item "obrigando o registro em carteira" "Liberdade e autonomia sindical, tendo

como meta desatrelar o sindicato do Estado; e direito de greve, para que não seja tratada como "um caso de polícia", são conquistas fundamentais para o deputado petista.

"Pelo que já foi votado, a Constituinte vem avançando nos direitos individuais e sociais. Mas no que se refere ao poder e ordem econômicos, é difícil uma previsão", diz Genoino. A estabilidade relativa não deixa de ser uma vitória, mas está ainda muito longe de ser suficiente, no entender do presidente do Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Joel Alves de Oliveira. Ele afirma que "o movimento trabalhista é muito mais amplo que esse quebragalo que estão oferecendo, pois é uma proteção relativa ao emprego", observou.

Segundo Joel, "muito do que foi aprovado já vinha sendo adotado por algumas empresas, como pagamento da hora-extra em dobro e redução da jornada de trabalho. A Constituinte está apenas reconhecendo direitos já conquistados pelo movimento trabalhista". Do rol de conquistas que a classe trabalhadora ainda devesse obter estão, segundo o presidente do Dieese, a liberdade sindical, elevação do nível salarial e a reforma agrária.

Yeda Teixeira é jornalista

Lidice da Matta (PC do B-BA)

Conseguimos avanços significativos principalmente nos capítulos referentes aos Direitos e da cidadania. Quanto aos direitos trabalhistas as principais vitórias são os 120 dias remunerados a gestante e a assistência gratuita aos filhos dos trabalhadores homens e mulheres através das creches. Para os trabalhadores domésticos, as principais conquistas foram: repouso semanal remunerado, salário mínimo, 13 salário, aviso prévio de 30 dias e direito a indenização e aposentadoria. Na questão da reforma agrária, obtivemos o direito não apenas da esposa ou companheira, mas da mulher solteira a posse da Terra.

A nossa maior derrota está no capítulo referente à Família. O texto anterior retinha-se à família como fruto de uma união estável e legal, mantida sob a proteção do Estado.

Penso que ainda existe desarticulação na bancada feminina no Congresso. Não há uma união entre as mulheres engajadas na Constituinte, nos Conselhos e nos Movimentos populares. A nossa articulação em Plenário tem sido fraca em termos de pressionar os constituintes a favor de nossas emendas. A nossa linha mais recente foi não termos destacado o texto referente à saúde da mulher por acreditar que causaria uma maior desarticulação das mulheres já alimentada pela questão da discriminação do aborto.

Raquel Capiberibe (PMDB-AP)

O que há de positivo na bancada feminina é que a maioria está unida em torno das questões dos direitos das mulheres. Existem algumas deputadas que têm se destacado, a exemplo de Sargra Cavalcanti e Cristina Tavares. Penso que nossos principais avanços até o momento são: a licença remunerada de 120 dias para a gestante, o direito a posse da terra pela mulher, independente de seu estado civil, o direito da detenta a amamentar o filho, a aposentadoria para a dona de casa e o direito ao tratamento cedido pela previdência aos trabalhadores, reservado também para os trabalhadores domésticos. Nossa maior derrota foi o veto a aposentadoria aos 25 anos de serviço para a mulher. Os Parlamentares alegaram uma discriminação aos homens, pois aposentam-se aos 35 anos de serviço. Não vejo uma pressão conservadora em sentido contrário, apenas as questões propostas pelas mulheres. As dificuldades em avançar estão em todos os setores, a exemplo da votação do mandato do presidente da república e da questão da estabilidade no emprego.

Irma Passoni (PT — SP)

O que tem ocorrido na Constituinte não é o que a imprensa fala. Até agora a Comissão de Sistematização tem possibilitado uma série de avanços, mas o que vai acontecer na votação não dá para prever. Todas as questões referentes à discriminação foram discutidas e muitas eliminadas da Constituição, principalmente as referentes aos direitos individuais e sociais, à mulher rural. As polêmicas mais presentes estão na questão do mandato presidencial e na atuação do poder judiciário que tem mostrado indiferença à discriminação.

Jamais tendo certos interesses do poder e da imprensa não tem dado o devido apoio a nós.

A única questão que sinto ser de interesse geral dos Constituintes é a aposentadoria aos 35 anos de serviço para todos. As mulheres constituintes, por sua vez, estão assinando todas as emendas referentes às questões das mulheres e quase todas as nossas propostas têm sido bem recebidas, com exceção a do aborto.

DIÁRIO (FEMININO) DA CONSTITUINTE

JANEIRO

Lançada a Carta de Brasília elaborada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) após ouvir 2 mil brasileiras.

FEVEREIRO

Deputada Irma Passoni (PT-SP) é eleita para a 3ª Suplência de Mesa da Câmara. Doze deputadas, em um movimento suprapartidário, pressionam a direção da Câmara para obter gabinetes de trabalho. É o começo da ação conjunta.

MARÇO

A deputada Raquel Capiberibe (PMDB-AP) da Subcomissão de Política Agrícola e Reforma Agrária, recebe ameaças por telegramas e telefonemas anônimos em represália à sua posição frente à questão. Cerca de 800 mulheres ocupam a Câmara para fazer a entrega oficial da Carta de Brasília a Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte.

ABRIL

Começa a campanha das forças conservadoras (Igreja/Evangélicos) contra o aborto.

MAIO

A Subcomissão de Ciência, Tecnologia e das Comunicações derrubou por 13 votos a 8 o artigo do anteprojeto da relatora Cristina Tavares (PMDB-PE) que instituiu o Conselho Nacional de Comunicação e é tentado um golpe para destituir a deputada de seu cargo. Ela é a única mulher relatora da Constituinte.

JULHO

A deputada Benedita da Silva (PT-RJ), 1ª Suplente da mesa relatora do Congresso Constituinte ocupa a cadeira de Ulysses Guimarães e dirige a sessão de debates. É a primeira mulher negra a presidir uma sessão na Câmara dos Deputados.

A bancada feminina da Constituinte protesta contra o protecionismo em favor de alguns deputados e do presidente do Congresso Ulysses Guimarães na participação do programa de TV "Diário da Constituinte".

Grupos feministas de todo o País terminam os trabalhos de coleta de assinaturas de apoio à emenda popular a favor do aborto. A deputada Raquel Capiberibe (PMDB-AP) pede afastamento do partido após ser agredida pelo deputado Carlos Sant'Anna, líder do governo na Constituinte.

AGOSTO

em seu gabinete um grupo de mulheres da bancada feminina na Constituinte que lhe entrega um documento representando todas as emendas populares relativas às mulheres.

SETEMBRO

A deputada Ab da F. Feitosa (PMDB-BA) pede a rejeição da proposta que assegurava a inviolabilidade dos direitos humanos desde a concepção. A Comissão de Sistematização aprova por 70 votos a favor e 17 contra.

OCTUBRO

A deputada Ben Amiz (PSB-AM) propõe o lançamento do nome de uma mulher para presidente da República.

Cresce o lobby terrorista na Constituinte em favor da aposentadoria aos magistrados.

NOVEMBRO

Surgem rumores de uma possível Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), de tendência conservadora, vota a favor do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney na Comissão de Sistematização.

DEZEMBRO

Começa a votação em plenário.

Moema São Thiago (PDT-CE)

Acho que a Constituinte tem avançado a nível dos direitos sociais. Não podemos deixar de salientar as conquistas obtidas no que se refere a estabilidade no emprego, ao auxílio a gestante, aos direitos trabalhistas em geral. Há também a questão da Empresa Nacional, incluindo esta recente mobilização pelo monopólio da distribuição do petróleo no nosso País. O que tenho lamentado no entanto, é a presença constante das forças conservadoras que têm se utilizado de jogos perversos para desgastar a imagem da Constituinte. Na verdade, estas forças opoicionistas são as mesmas que fizeram o golpe militar de 1964 e temos de estar atentos para que não prejudiquem o avanço democrático.

No que se refere a atuação das mulheres Constituintes acredito que todas nos estamos satisfeitas com os espaços que conquistamos. Somos 25 mulheres no Congresso, ou seja, cerca de 5% da participação na Constituinte, mas o trabalho que estamos desenvolvendo a nível de mobilização popular tem marcado presença por sua qualidade. Nesta etapa final, a Constituinte obteve avanços reais. Devemos ser realistas. Esta constituinte não terá resultados socialistas e sim democráticos, de caráter liberal. No entanto, so ser progressista através da mobilização popular.

Benedita da Silva (PT — RJ)

Os avanços têm sido significativos. Acredito que até o final das votações cerca de 70% das reivindicações das mulheres serão aprovadas pelo Congresso. No entanto, estamos sofrendo pressões constantes por parte de setores mais conservadores. Ainda existe um certo desconhecimento das questões mais importantes encampadas pelas mulheres no Congresso. No que se refere a atuação das mulheres no Congresso percebo que há uma unidade nas reivindicações independente de siglas partidárias. Todas as questões vinculadas aos direitos das mulheres foram amplamente discutidas e muitas aprovadas. Porém, deve haver uma cobrança por parte de toda a nossa sociedade no sentido de se eliminar o domínio conservador ainda existente no Congresso. Nós, mulheres, não estamos travando uma luta entre sexos no Congresso. Queremos conquistar nossos espaços. Não temos nada para dar em troca porque já temos tudo de nós.

Ana Maria Rattes (PMDB-RJ)

O processo como um todo começou de forma democrática com ampla participação popular. Acredito que os avanços obtidos até o momento não sejam tão grandes quanto parecem, pois a maior parte das reivindicações e propostas voltam-se para a problemática presente e não há uma preocupação com o futuro. Além disso, estamos incomodando as camadas mais conservadoras (banqueiros, empresários etc) que sempre se instalaram às custas de uma situação injusta e discriminatória vivida no Brasil. Há uma brutal pressão contrária aos nossos trabalhos. Me pergunto: Já foi gasto tanto dinheiro com a convocação da Assembleia Constituinte, não podemos desperdiçar tudo isso.

A bancada feminina e sobretudo em nossa qualidade. Acredito que a maior parte dos 505 Constituintes jamais esperava que a nossa bancada fosse tão unida. Ela é avançada, fechada e tem um compromisso social para valer, tem critérios de justiça e honestidade mais apurados que os dos homens. As nossas divergências são a nível partidário, mas nas questões ligadas à igualdade de direitos das minorias somos um grupo unido. Só estou desiludida com a Constituinte pela presença das pressões conservadoras.



Leila: ainda o mito

Leila Diniz
Direção: Luiz Carlos-Lacerda
Com Louise Cardoso, Diggio Vilela,
Tony Ramos, Marieta Severo, Carlos
Alberto Riccelli, José Wilker, Paulo
Cesar Grande e Jayme Periard

JOSÉ INÁCIO DE MELO SOUZA

Leila Diniz, cuja vida já inspirou uma pequena biografia⁽¹⁾ volta, agora, através do filme de Luiz Carlos de Freitas. Se o ponto de partida de ambos foi o mesmo, a imensa admiração por Leila, sentimos que o filme revela-se mais interessante que o livro pela utilização do diretor como um dos personagens da narrativa. Há o claro intuito de realizar um depoimento sobre a vida de Leila *à que*, teoricamente, afastaria os vários limites de uma biografia. Tal fato, porém, engrandece o mito "Leila Diniz" abre-se em 1946 quando, pequerrucha, é apresentada a amigos do pai e espectadores num comício do Partido Comunista, então na legalidade. A sequência, que é uma das mais bonitas do filme, escapa de tornar-se primorosa pela deficiente composição do personagem de Prestes.

Um militante presente lê nas linhas da mão de Leila o seu futuro como revolucionária, não resta a ela senão seguir o seu caminho. Por exemplo, perdendo a virgindade (o namorado não queria mas teve de se render), depois a inocência política com o golpe de 64 (outra boa sequência onde o diretor mostra bem o despreparo das esquerdas frente às "massas" que queriam pagar em armas para defender Jango). Perdidas as inocências, Leila aventura-se pelo teatro de revista como corista, já que o teatro sério não fora feito para ela.

Numa festa de Natal conhece Domingos de Oliveira, aquele que seria o seu único marido de fato e de direito. Voltando de uma viagem a São Paulo, surpreende o marido na cama com outra. A separação é inevitável. Salva-se a amizade entre os dois e a dramatização do relacionamento do casal no filme de Domingos *Todas as mulheres do mundo*. O filme transforma-se num sucesso de público, fazendo de Leila a estrela maior do Cinema Novo.

Abre-se para ela uma fase de muito trabalho: faz televisão (a novela *O sheik de Agadir*), cinema (o diretor reza algumas sequências de *A Madona fe cedro e Mineirinho: vivo ou morto*, sem respeitar a ordem cronológica dos filmes) e tem, ainda, um relacionamento tumultuado com o músico Toquinho e o sheik, o que, de uma certa forma, coadunava com o espírito carnavalesco de Leila. Chantada às falas pelos dois, resolve-se por um terceiro, um ator emergente. Em seguida, filma em Paraty dois filmes de Nelson Pereira dos Santos:

Fome de amor (não entendeu nada do filme, mas o achou bárbaro) e *Azyllo muito louco* (este parece que ela entendeu um pouquinho mais). Estes filmes foram feitos quando o desbunde pós-68 já era geral.

Aí, aconteceu a entrevista para o *Pasquim*, que a projetou nacionalmente, mais uma vez. A entrevista saiu publicada com asteriscos no lugar dos palavrões ditos por Leila, o que a transformou, ao lado das receitas de bolo de *O Estado de S. Paulo*, nos momentos marcantes da censura decorrente do AI-5. A entrevista causou uma série de dores de cabeça para Leila.

A televisão negou-lhe emprego desfazendo o contrato para as novelas. Foi obrigada a assinar um documento policial que a impedia de dizer palavrões e defender o amor livre. Com o aumento do cerco policial, ela foi obrigada a esconder-se na casa de Flávio Cavalcante em Petrópolis (se de uma lado a imagem de Walter Clark sai arranhada por submeter-se às imposições da censura, Flávio ganha destaque por defendê-la). Num festival de cinema nordestino conhece Ruy Guerra de quem teve a única filha, Janaina. Filma com Luiz Carlos de Freitas (o mesmo diretor de *Leila*) *Mãos Vazias*, representante Brasileiro no Festival de Cinema da Austrália. Quando voltava de lá o avião explodiu, causando a sua morte (outra bela sequência do filme, a do embarque no avião que a levaria a morte).

Leila Diniz não era nem bonita, nem sexy, nem inteligente, nem radical. Uma geração anterior tinha dado uma mulher mais interessante que Leila, Norma Benguel e, pelo menos Adriana Prieto ou Ana Maria Magalhães foram diversas coisas melhores do que Leila. Porém, fez-se o mito em torno do estardalhaço com que realizava suas proezas sexuais e verbais, aqui colocando-se na posição social de um homem. O filme não pretende trabalhar em profundidade estes temas. O diretor não se interessou pelo lado mais sofrido de sua vida, acreditando que vida boa é aquela que está morta para a dor. O fato de Leila ter tido duas mães não mereceu um interesse demasiado, nem o fato de ter abortado aos 17 anos, nem a sua preocupação em se deixar envolver pela exploração de sua imagem, o que daria margem à discussão da famosa entrevista ao *Pasquim* (a ampliação do mito). Um trabalho um pouco candente das imagens facilitaria também um diálogo maior com as novas gerações. Vistas hoje, as atitudes de Leila estão completamente esvaziadas, havendo, curiosamente, um impacto maior com o personagem homossexual (Luiz Carlos).

Como a montagem não é trabalhada muito a fundo, temos uma construção simples da narrativa. As ações são encadeadas por uma frase que as



Marcelo Jassuino



anuncia antes. Assim, quando Leila veste o roupão com o ideograma chinês da coragem, a imagem seguinte desenvolve o início do trabalho de parto de nascimento de Janaina. Outro exemplo deste tipo de "fraseado" é quando o militante diz que Leila será uma revolucionária. Após a cartela denunciando a passagem do tempo, vemos Leila entrando num baile "familiar" no fim dos anos 50. Ela porta lúvas de renda, mas veste um conjunto vermelho e preto deslocado do traje "soirée" exigido às moças. Leila não respeita a etiqueta e para cúmulo, be-

be vodca. É um escândalo, é uma revolucionária. A fragil ligação de idéias que permeia o filme define de forma brilhante a má fase por que passa o Cinema Brasileiro. Pois não basta uma bela e exuberante apresentação, é preciso ajustar as imagens às idéias.

Nota

(1) - Cláudia Cavalcanti escreveu para a coleção *Encanto Radical* Leila Diniz, publicado pela Brasiliense em 1983.

José Inácio de Melo Souza é pesquisador em Cinema

"Temos chamado de **COCINA DE IMÁGENES** a esta mostra, porque a cozinha, ainda que às vezes nos aborreça, invariavelmente, é o lugar mais cálido dentro de casa, e de certa forma, as cozinhas também são laboratórios de imagens".

JACIRA MELO

Na tarde do dia 1 de outubro na Cineteca Nacional da Cidade do México aconteceu a abertura da **Cocina de Imágenes**, dando início a Primeira Mostra de Cine e Vídeo Realizados por Mulheres Latinas e Caribenhas. Foram onze dias para olhar o olhar de cada mulher através de uma objetiva. Outras tomadas, ângulos, planos e enfoques. A câmara percorre inumeráveis intenções, revela uma visão diferente do mundo, sem fronteiras, evidencia a mulher **REALIZANDO**, fazendo o que lhe dá na cabeça. Imagem e som, meio de expressão de um irrefreável percurso.

Antes disso, meses de trabalho foram necessários para organizar esse evento. Angeles Necoechea, mexicana de nascimento, com um pouco mais de um metro e meio de altura, cineasta com muitas horas de vó e de um sorriso iluminado, foi quem primeiro embarcou na **Cocina**, conseguindo depois atrair outras nevegantas. Segundo ela a razão pela qual fez a **Cocina** foram duas basicamente: abrir um espaço de exibição para fazer visível a diversa e crescente produção de cine e vídeo realizado por latinas e caribenhas, conseguir reunir mulheres ligadas a esses meios, para que durante a mostra pudessem trocar experiências, se conhecerem e "mirarem" os trabalhos de outras mulheres. "Acredito que a mostra superou esses objetivos básicos. Tivemos uma ótima receptividade por parte da imprensa, um número significativo e surpreendente de público e a vital presença de aproximadamente cinquenta realizadoras. O fato de todas as mulheres presentes para a **Cocina**, sentirem a necessidade da continuidade desta mostra, transcendendo, e muito, os objetivos primeiros".

A **Cocina** esteve dividida em duas sessões, uma dedicada ao cinema, com exibição de filmes - curtas, médias e longas metragens - de todos os gêneros - documentário, ficção, experimental, animação. E outra dedicada a exibição de vídeos, onde predominou o documentário, contando com poucos trabalhos ficcionais e experimentais. Também fez parte da programação mesas redondas abertas ao público, onde cineastas e videastas de diferentes países falaram de suas experiências.

A mostra contou com a participação de cinquenta realizadoras, que traziam na sua trajetória um percurso próprio. Algumas fazem cinema há mais de dez anos, outras estão realizando seu primeiro curta, poucas passaram por escolas de cine e vídeo, muitas aprenderam na prática sem experiência nem estudos prévios. Houve também, a presença de mulheres canadenses e norte-americanas, que se dedicam à produção, distribuição e organização de festivais.

Em meio a maratona de exibições e mesas redondas, tivemos um dia inteiro para o estar juntas, um momen-

As mulheres através da objetiva

to de encontro entre tantas e tão diferentes mulheres. O olhar coloca em foco nos mesmas. Conversamos, trocamos idéias, preocupações, inquietações e alguns sorrisos. Comemos juntas, bebemos muitas cervejas e expressamos a importância da continuidade da mostra, percebendo unanimemente que a sua melhor sede é a Cidade do México, por possuir uma equipe com a experiência de muitos acertos.

Participação brasileira: Ausências

Na mostra faltou um longa metragem do Brasil, assim como curtas e vídeos mais inteiros. Os trabalhos que chegaram à Cidade do México representavam apenas uma fatia da farta e diversificada realização das mulheres daqui. Na verdade, o que foi apresentado enquanto produção "Brasil", era apenas uma produção "São Paulo". Infelizmente, o privilégio de estar parcialmente representadas na **Cocina de Imágenes**, não foi só nosso, isto acabou ocorrendo com a maioria dos outros países. Acho legal pensar um pouco sobre essa história, porque, a meu ver, ela traz alguns indícios reveladores, que vão desde a "antiga" dificuldade de comunicação, até o fato da **Cocina**, por não possuir uma estrutura acabada, exigir esforços individuais e coletivos para se concretizar, evidenciando - mais uma vez - nossas debilidades e distanciamento. Sabemos o quanto é mais simples participar de um festival ou mostra que depende unicamente do envio do nosso último filme ou vídeo. A **Cocina** queria mais de cada uma, solicitava uma construção coletiva, que do ponto de vista do fazer é objetivamente simples - pegar o telefone para envolver outras mulheres, passar a sempre "preciosa" informação -, mas que na subjetividade desvenda nossos "nós" incontáveis.

Angeles Necoechea, faz um pequeno balanço da participação brasileira. "Teria sido sem dúvida, importante a presença de algumas mulheres que fazem cinema, porque o Brasil tem várias realizadoras de longas, médias e curtas metragens, numa posição que não tem similar em outros países da América Latina neste momento, quero dizer que enquanto o Brasil possui Susana Amaral, Ana Carolina, Tizuka Yamasaki, em outros países não se tem nenhuma mulher nesse nível de realização. Seria enriquecedor, para todas nós, poder conhecer a experiência dessas mulheres que estão fazendo longa metragem em 35mm, pois elas e seus trabalhos contam com uma presença muito forte na América Latina. Na parte de vídeo

nos sentimos tranquilas pelas mostras ter contado com quatro integrantes do Lilith Video, que durante a **Cocina** tiveram uma cálida participação de entrega e interesse. Admiramos e gosto do trabalho do grupo, sinto que na mostra esses trabalhos davam qualidade a exibição dos vídeos.

Desconheço as razões que impossibilitaram a participação dos trabalhos e das realizadoras de outros Estados, especialmente do Rio de Janeiro, que responde por uma respeitável produção de cinema e vídeo, tanto em termos de qualidade como de quantidade, e que obteve através de uma integrante do Coletivo de Mulheres de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro, durante o Festival de Havana/86, todas as informações sobre a **Cocina**. Para finalizar esses comentários, sem deixar mal-entendidos, se faz necessário lembrar que os cinco curtas e os onze vídeos organizados e enviados pela CDI-cinema distribuição independente e o Lilith Video, condiziam com o compromisso assumido com as organizadoras da **Cocina**: reunir e enviar trabalhos realizados por mulheres de São Paulo.

Os longas brasileiros foram enviados pela Embrafilme, claro que na última hora e chegando no derradeiro dia de exibição, o esperado **A hora da Estrela**, que segundo a Embra estava na **Cocina**, não chegou. Segundo Angeles, a introdução de longas metragens na mostra, que tem de certa forma mais possibilidade de veiculação se dá por várias razões. "Penso que devo falar de cada filme em particular, **Gaijin**, **Caminhos da Liberdade**, de Tizuka Yamasaki, por exemplo, é um filme que, a meu ver, se faz necessário mostrá-lo toda vez que for possível. Não significa simplesmente exibi-lo com a intenção de atrair público, mais antes de tudo por sua qualidade e vigor, e por ser parte de uma produção de mulher atual. Pensamos que a **Cocina** atrairia mulheres jovens que estão fazendo um curso de cinema, que vão se perguntar porque uma mostra de cine feito por mulheres, que muito provavelmente não viram **Oriana de Fina Torres** - Venezuela, **Das Tripas Coração** de Ana Carolina-Brasil, e tantos outros. Me parece interessante que nesta mostra haja uma convivência entre os curtas com menos recursos com os longas de maiores recursos, porque um filme complementa o outro, e acima de tudo tornam parte da produção das mulheres desse continente".

Qual o lugar do vídeo?

Os filmes tiveram como local de exibição a Cineteca Nacional, os vídeos,



porém com um segundo lugar, no que diz respeito ao espaço físico e simbólico, foram exibidos na Casa da Cultura de Coyoacán. Ficou a impressão de que a **Cocina**, enquanto evento não sabia ao certo o lugar do vídeo esse objeto eletrônico. Angeles no papel de organizadora da mostra nos conta que desde o primeiro momento da organização da **Cocina** acreditava que seria imprescindível a participação das realizações em vídeo, que estava convencida de que a produção em vídeo é tão importante quanto a do cinema.

"Para introduzir o vídeo", diz, teríamos que saber vê-lo, programá-lo e exibi-lo em um espaço adequado. Apesar dos nossos cuidados, preocupações, oed cação e de todo esforço para augar um telão com a falta de recursos, que marcou a realzação desta mostra, reconheço que o vídeo deve estar mais integrado com a parte de cinema, como bem foi colocado por muitas participantes da **Cocina**. Durante a organização da mostra tinha como referência a um Festival que participe no ano passado em Chicago nos Estados Unidos, onde havia uma enorme tela a que se exibia um filme e em seguida um vídeo, os trabalhos não estavam programados como vídeo ou cinema mas em função da temática e outros critérios. O que me fascina era esta mescla de vídeo e cinema ocupando a mesma sala sem competir um com o outro. E assim imaginava a **Cocina**, porém não tivemos recursos financeiros.

Isto com a organizadora, que para se encontrar o lugar do vídeo é preciso uma maior interação com esse meio compreendendo suas condições e seu papel na América Latina. E não deixa por menos afirmar que a decisão de incluir o vídeo na **Cocina**, foi também enfrentar algo que se conecta muito pouco especificamente a realzação das mulheres em vídeo. Teremos que investir mais sobre o vídeo para programá-lo de outra maneira para isso, é preciso que nos convide para os festivais, como por exemplo o **Video Mulher** no Brasil ou **Unco** do gênero que se tem notícia na América Latina, concluiu.

Jacira Melo é videasta em São Paulo

Luis Morier/BJ



Jodie Foster, a estrela do Olhar Feminino '87

Cineastas em ação

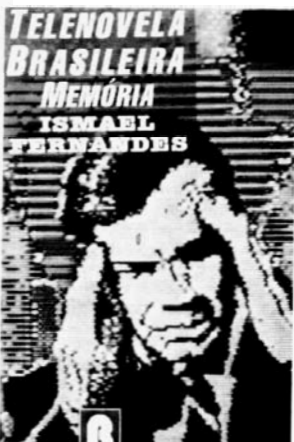
O Fest-Rio, realizado desde 1984 no Rio de Janeiro, é filho da conscientização de uma geração de cineastas sobre a importância da realização de um festival internacional de cinema no Brasil. Hoje, além da exibição da melhor safra do cinema nacional e estrangeiro, o Fest-Rio conta com a realização de seminários e é responsável pela movimentação de volumosas somas entre pro-

duzoras e distribuidoras. Após ter participado do 1º Fest-Rio, numa das mostras paralelas, Rose Lacrete participou em 1985 de uma série de reuniões onde se discutiu a situação na Embrafilme e a política brasileira. Essa organização levou um grupo de cineastas a lutar por uma abertura de espaço na Embrafilme e pela realização de projetos de mulheres que até então eram sempre engave-

ados e esquecidos. "Havia uma necessidade de levar adiante os projetos das mulheres, para fazer uma reflexão sobre essa produção, que tem temática e expressão muito particulares", conta Rose. A proposta de se organizar uma mostra paralela dentro do Fest-Rio que desse conta dessa produção foi feita aos diretores do festival, que encamparam a ideia. Em 1985, a mostra Olhar Femi-

nino — nome extraído da produtora de Rose Lacrete — já integrava oficialmente a programação do 2º Fest-Ric e se revelava um de seus pontos fortes com a apresentação de filmes em 16 e 35 mm. Em 1986, Olhar Feminino expandiu ainda mais sua importância dentro do festival. Prova disso foi ter trazido como convidada a performer Laurie Anderson, que exibiu o filme *Home of the Brave*, "considerado por muitos uma obra-prima", segundo Rose.

Este ano, a mostra trouxe entre sua constelação de estrelas a atriz Jodie Foster, que começou sua carreira em *Taxi Driver*, no papel de uma prostituta adolescente. No Olhar Feminino, participa do filme *Siesta*, da diretora Mary Lambert, sobre os últimos minutos da vida de uma mulher dividida entre o amor e a morte. Do Brasil, Foster conhece três coisas: o diretor Hector Babenco, as famosas praias e a inflação galopante. Outra novidade, só que negativa, é a ausência do filme brasileiro *Norma Bengell*, realizadora de *Pagu*, decidiu não expor seu filme numa sessão aberta ao público, por problemas de distribuição. Mas, o quadro internacional reuniu dezesseite filmes de categoria: o esperadíssimo *Heaven*, de Diane Keaton; Krúgorovot, da russa Lana Gogoberidje; *High Season*, da inglesa Clare People; *Making Mr. Right*, de Susan Seidelman; *Working Girls*, a história de um sofisticado bordel em Manhattan, de Lizzie Bordon; *Le chant des syrènes*, premiado no Canadá, de Patricia Riozema; Nanou, da inglesa Connie Templeman; *Le sourd dans la ville* e *Marie s'en va en ville*, da também canadense Mireille Densereau; o húngaro *Diário de meus amores*, de Martha Meszaros; *Un Homme amoureux*, de Diane Kurys; *Les noces barbares*, de Marion Hansel; *Business as usual*, de Leslie Anne Barret; e *Raosaheb*, de De Vijaya Mehta (Índia).



MARINA HECK

A primeira impressão que *Tele-novela Brasileira - memória* deixa é de ser um livro-dicionário, na coleta de dados que, mesmo sendo exaustiva e completa, não teria tido a pesquisa sobre a telenovela. Entretanto, em sua apresentação, Ismael Fernandes já dá ao leitor

Tudo o que você gostaria de saber sobre a TELENOVELA

a chave da leitura de seu livro. Não nega que se trata de um trabalho documental, mas é e pretende também que através do detalhamento de cada uma das quase quatrocentas novelas "reconstituam cronologicamente o autor possa ter uma ideia de evolução do gênero nos tempos. Por exemplo, é interessante notar o brasileiroamento das histórias desde que a novela se impôs em nossas telas.

O primeiro período das novelas foi marcado pelas histórias que pouco tinham a ver com a realidade brasileira. Baseados em temáticas latino-americanas, as primeiras novelas foram histórias argentinas, cubanas, antilhanas até os meados dos anos 60. Com Antonio Maria seguido de Beto Rockefeller, uma nova formulação da telenovela brasileira foi introduzida. Essa renovação da telenovela foi rápida e definitiva. Uma das principais modificações introduzidas foi a agilização dos diálogos e a comédia coloquial que vem substituir os dramalhões grandiosos

ouventes e pesados. O último período se caracteriza pela perda de austeridade e pela expansão global. O autor conta o início do sucesso da Globo justamente no momento em que se termina o período da Glória Magadan. A escritora cubana que viveu nos EUA e ficou conhecida como a expert n. 1 em sucessos de telenovelas.

Encerrada a "era Magadan", a emissora muda de linha e começa a sua ascensão. Além dessa análise sobre a evolução histórica da telenovela, o outro aspecto deste livro que é fascinante diz respeito a fatos (e não fofocas), que se passam entre autores, atores, diretores e produtores, nos bastidores da produção da novela. Por exemplo, fiquei sabendo que a estreia de Dias Gomes na telenovela teria sido tão influenciada pelas garas melodramáticas de "La Magadan" que o obrigou a assinar *A ponte dos suspiros* sob o nome de Steia Calderón.

Outros detalhes mostram porque esse tipo de novela decaiu em certo momento: o autor tirou férias; os problemas entre autores e diretores para escalafão de atores. Enfim, todos os problemas da produção que podem intervir na novela propriamente. Nessas passagens, o autor é discreto, objetivo e se atém somente aos dados concretos, sem o tom da fofoca. Outro aspecto explorado são os comentários sobre a introdução das músicas das novelas - "um filho milionário" que não pode ser esquecido. O livro é um precioso documento, é verdadeiramente a *Memória da Telenovela Brasileira*. Um trabalho que de fato deve ter sido árduo e extenso, "num País onde a memória é desrespeitada e curta".

Marina Heck é socióloga-urbanista, autora de *L'Etat des Lieux* e *The Ideological Dimension of Media Messages*.

Em Santa Catarina os agricultores sem-terra estão mobilizados e lutam pelo cumprimento do acordo e metas do plano nacional de reforma agrária. As ocupações de latifúndios improdutivos têm ocorrido e o movimento já tem sua história.

LENA BASTOS

Em 1980 a invasão da Fazenda Bruno Beo em Campo Eré marcou a conquista da terra por parte de 360 famílias. Em maio de 85, cerca de 2 mil famílias ocuparam terras em São Miguel D Oeste e Abelardo Luz. Nesta época foi criado o plano Nacional de Reforma Agrária, que reúne o Movimento dos sem-terra, Mirad, In-cra e governo estadual. O acordo firmado em março/abril de 85 previa o assentamento de 2 900 famílias para os anos de 85/86, mas até hoje não foi cumprido, tendo sido assentadas cerca de 1 453 famílias. Para 1987 a meta de 5 800 famílias reverteu o assentamento de apenas 70 famílias.

Para a coordenação dos sem-terra, apesar de um abaixo-assinado de 1 milhão e 300 mil assinaturas encaminhadas à Constituinte e de caravanas com mais de 10 mil agricultores em Brasília, tudo isso não sensibilizou as autoridades. A única forma encontrada foi a ocupação.

No último final de semana de outubro, três grandes acampamentos mobilizaram mais de 3 mil agricultores catarinenses. Em Campo Eré, o maior dos acampamentos, contava com 2 mil famílias, em Irani quinhentas famílias e em Ibirama duzentas famílias. Além destes, em vários municípios mais de quinhentas famílias estão permanentemente acampadas desde 1985.

Um momento de luta e de negociação. No início da semana, a coordenação do movimento dos sem-terra estava em Florianópolis para sustar a liminar de despejo das duas áreas ocupadas por parte dos proprietários e colocava: "Nós abrimos um canal de negociação com o governo do Estado e Mirad para que se desapropriem e crie uma área de um acampamento provisório, e que depois se processe o assentamento das famílias. Hoje, na audiência com o vice-governador Casildo Maldaner nós fizemos encaminhamentos para que o Mirad repasse os Títulos da Dívida Agrária para o acampamento provisório, onde o estado veria a infra-estrutura (saúde e alimentação) para o pessoal. Amanhã seguimos a se reunir com o governador para tentar este caminho e impedir o despejo".

Um outro ponto levantado nestas reuniões entre a coordenação dos sem-terra e as autoridades estaduais foi a questão da segurança das famílias acampadas. Até aquele momento, com dois agricultores presos, a coordenação do movimento pedia ao estado para garantir a segurança do local e apontava: "Na área de Irani e Ibirama existem pistoleiros que en-

tram na área, o que pode provocar a violência. Em Campo Eré, o pessoal não pode sair do acampamento e um companheiro foi preso com sua moto, sendo que a polícia dizia que a moto era roubada quando era dele".

Naquele dia a palavra resistência era a pedra de toque e os agricultores colocavam: "Nosso objetivo é a terra e que o governo banque o acampamento provisório".

Na questão do despejo, ninguém volta para o município de origem. Vamos para a beira do asfalto e ocupamos a cidade. "Nós vamos resistir porque estamos sem terra pra trabalhar. Voltar para casa para fazer o quê?" Mas os agricultores já apontavam para um possível despejo e avaliavam: "Em Campo Eré estão mais de 10 mil pessoas. Um despejo vai ser uma desgraça para todo mundo. Nós estamos prontos a negociar com um governo que não é bom para os trabalhadores". Mas apontavam para o fato de que "há uma decisão política do próprio governo de não fazer a reforma. Este último decreto tenta impedir a reforma agrária através da legalidade". Se isso não bastasse, o Decreto-lei 2.363/87 extingue o INCRA e estabelece normas mais rigorosas para o encaminhamento das desapropriações para assentamento.

Ação do Governo: Despejo

Outro opositor dos agricultores é a União Democrática Ruralista (UDR). Eles lembram que "a organização veio para impedir a reforma agrária", e que "a UDR tem uma articulação política de ganhar os pequenos proprietários e descaracterizar o sentido

da reforma agrária. Age de forma criminoso e em concordância com a política, fazendo ameaça aos trabalhadores".

No começo de novembro, cerca de oitocentos policiais militares expulsaram as 1.600 famílias que ocupavam as terras da indústria Weiss e Cia. Ltda, em Campo Eré. Os agricultores foram escoltados aos seus lugares de origem, mas tiveram que se submeter a uma triagem que identificou as lideranças, incluídas em inquérito policial.

Em Irani, os agricultores levantaram acampamento antes da chegada da PM. Pelas reportagens de televisão as imagens dos agricultores nas estradas mostravam a força do movimento e um dos líderes dos sem-terra declarava: "Provocação quem faz é a UDR quando diz que o agricultor com mais de 5 alqueires tem que se juntar a eles, os assassinos deste País", e avisava emocionado: "O movimento dos sem-terra é latino-americano, não é só nacional".

O governador catarinense Pedro Lvo Campos (PMDB), que acionou a PM no despejo dos sem-terra, declararia neste mesmo dia à imprensa que "pessoas inescrupulosas" estariam agindo dentro do movimento dos sem-terra e qualificou a ação do movimento como política prejudicial à estabilidade do processo democrático do País. Baseado nas informações do prefeito de Campo Eré, Darcy Furtado, o governador catarinense colocou que "só 20% dos invasores são realmente agricultores sem-terra". E concluiu em relação a ação da PM no processo de reintegração de posse: "Não posso deixar de atender um pleito da Justiça, senão o Poder Judiciário ficaria à vontade para requerer as tropas federais. E o Governo do Estado estaria sendo incompetente para dar sustentação à Justiça".

Mas antes da ação da PM, a UDR estava mobilizada na região e pedia à Secretaria de Segurança Pública do Paraná para fechar a fronteira das re-

giões Oeste e Sudoeste de Santa Catarina com o Paraná, para evitar que os colonos ocupassem novas áreas, e avisava que se a PM não agisse para cumprir a liminar de reintegração de posse, a UDR iria despejar à força as famílias acampadas em Campo Eré.

Não foi necessário e a ação da PM, realizada com extrema violência, não deixou de incluir trabalhadores detidos e espancados, todos foram revistados e viram confiscadas suas ferramentas de trabalho (facões, machados) e até de cozinha. Com esta ação, o governo do estado dá o problema como resolvido e não possui conhecimento de mais de 2 mil famílias que não têm para onde ir e continuam acampadas em vários municípios catarinenses, sem assistência de saúde, falta de alimentação, uma situação agravada por um recente temporal que assolou a região.

Mulheres

O movimento dos sem-terra é realizado a partir do núcleo familiar, sendo que mulheres e crianças estão nesta luta "porque o papel da mulher é fundamental. A força fica dobrada." Nos acampamentos a situação não é nada fácil: "Falta alimento e existem muitas crianças e mulheres grávidas. Mas a mulher luta passo a passo com o homem", explica uma sem-terra.

Uma outra agricultora, Claudete, em adiantado estado de gravidez, completa: "Debaixo de uma barraca no sol, no relento, falta água, alimentação. Mas a gente tem de lutar para conquistar a terra. A gente luta pelos filhos, pra dar uma terra para eles. Como é que eles vão viver depois?" O grupo entrevistado era formado por sem-terras, filhos de pequenos proprietários que já não tinham como dividir suas propriedades.

Lena Bastos é jornalista em Santa Catarina



Claudete, Isabel, Nadir e a filha Adriana. Todas na luta

Uma luta de alto risco



Marise Egger

As expulsões de Ruth Escobar do PMDB, Amélia Telles do PC do B e Marise Egger do PCB são episódios sem ligação, mas que sugerem uma reflexão: Existiria um padrão comum que inviabilizaria a ação feminina dentro dos partidos nesta fase de transição democrática?

FÁTIMA JORDÃO

A ascensão do movimento feminista na sociedade na última década obrigou os partidos políticos a se abrirem para as nossas reivindicações e, portanto, para a absorção de militantes feministas. Pelo nosso lado, cresceu a compreensão da necessidade política de atuarmos dentro de vários contextos e em todos os espaços disponíveis na sociedade e, portanto, nos partidos. Por sua vez, o quadro favorável de ampliação democrática e as positivas experiências de lutas das mulheres sob a diladura alimentaram a conveniência e inevitabilidade desse cruzamento.

Mas os confrontos se colocaram já nas primeiras rodadas. Amélia Telles aponta o I Congresso de Mulheres como um primeiro momento de contradição. "Os movimentos surgiram muito soltos dos partidos", diz ela. "Me lembro quando fui discutir o I Congresso e o partido (PC do B) nem quis discutir. Depois do sucesso, todos os partidos correram visando manipular o movimento e nesse momento se aprofundou a discussão da dupla militância".

Em 1979, ainda no exílio, as feministas do PCB elaboraram um amplo documento, posteriormente atualizado em um relatório, sobre a condição de vida de mulher e suas plataformas de luta pela igualdade. O documento elaborava não só a questão crucial de diferenciação entre trabalho feminino e feminista no partido, como também o caráter interclassista e unitário do movimento feminista. É, até hoje, o do-



Zuleika Alambert

documento partidário mais abrangente a acabado sobre a discussão política das questões feministas e sua expressão no bojo de um partido.

"O documento foi aprovado por unanimidade", diz Zuleika Alambert, ex-presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo e também ex-deputada do PCB há anos, "mas aprovado por acaso, por falta de alternativa. Os companheiros não formularam outros encaminhamentos e nem perceberam a profundidade do que estava em pauta na resolução do Coletivo Nacional de Dirigentes Comunistas. O texto não foi impresso pelo partido e a interpretação é que eu tinha dado um golpe. Daí para a frente veio o isolamento. Eu e outras feministas saímos do partido".

Processo de Desgaste

No PMDB, as feministas influíram no programa do partido nas eleições de 1982 e implementaram políticas concretas de governo. Superado o debate sobre a forma de se organizarem no partido, prevaleceu o mecanismo de Comissão e Assessoria e, com ela, a representação — inédita na história partidária — da Comissão junto à Executiva Regional. O elenco de candidatas mulheres em São Paulo em 86 foi o maior que já disputou eleições proporcionais e a resposta eleitoral foi relativamente mais eficiente do que a dos candidatos homens.

Logo depois, no entanto, o Conselho Estadual da Condição Feminina, expressão máxima da vitória feminista do PMDB, sofreu um processo acelerado de desgaste: perdeu a

maioria de suas funcionárias e várias comissões de trabalho foram reduzidas ao imobilismo.

Em setembro, Ruth Escobar foi expulsa do PMDB, acusando as próprias mulheres peemedebistas de "fazerem o jogo dos homens". Em nenhum dos casos, as feministas peemedebistas tive-

EXISTE ESPAÇO PARA A DUPLA MILITÂNCIA?

ram condição para um debate aberto no partido. Ocorreu no período um processo inequívoco de enfraquecimento da corrente feminista, que tinha, até então, liderado as iniciativas do partido em vários aspectos da atuação em relação às mulheres.

A partir desses vários episódios podemos levantar algumas hipóteses indicadoras de significativos traços comuns entre eles:

- Há de fato, um oportunismo dos partidos ao abrir espaço para atuação feminista em períodos de expansão e de necessidades eleitorais. Esta abertura não é seguida de uma autêntica compreensão da complexidade da questão feminina e da evolução contemporânea de sua luta.

- Há contradição — ainda que historicamente definida — entre as necessidades do movimento de mulheres, de sua especificidade e unidade, e a organização do poder interno dos partidos.

- Há dissonância entre o impacto

na sociedade da crescente consciência das mulheres sobre seus problemas específicos e a desimportância ou desqualificação com que os temas específicos são tratados nos partidos.

- Há atualmente, em todos os partidos, uma disparada diferença entre a proporção de militantes femininas (quase a metade) e mulheres em postos de direção

- Há uma brecha entre a atuação das mulheres feministas e aquelas que fazem opção pela política geral do partido.

Debate suprapartidário urgente

Sobre este último ponto, acrescenta Zuleika Alambert: "Como em todos os partidos, o conjunto das mulheres não querem ouvir falar em questão de mulher, sobretudo aquelas que já conseguiram um status com o trabalho integrado. Há sempre um conflito entre a mulher nova que percebe a sua condição dentro do partido e aquela que continua amassada pelo peso da ideologia e estrutura velhas".

Amélia Telles avança mais: "As feministas são discriminadas por outras mulheres e as direções reforçam as contradições, dizendo que elas não são verdadeiras partidárias".

Outro traço comum aos partidos é a alegação de que as questões específicas só interessam à classe média

ou à burguesia. Amélia Telles teve que ouvir: "Esse negócio de feminismo é papo furado, o proletariado não tem sexo".

Amélia foi expulsa, não teve oportunidade de defesa e foi duramente atacada em artigo publicado na *Classe Operária*. O motivo de sua expulsão foi a insistência do PC do B em colocar na União de Mulher três militantes, à revelia do processo automático de eleição que estava sendo conduzido na entidade. A interferência teve forte resistência por parte das militantes feministas.

De fato, não é difícil discernir um padrão unificador para as contradições entre feministas e partidos. Também é visível a violência com que podem ser expressas essas contradições — e que culminam em rupturas irreversíveis.

O cenário exige, porém, uma visão perspicaz das feministas. O quadro partidário sofre profunda reformulação, há uma brecha imensa entre par-



Amélia Telles

tidos e vontade da sociedade e estamos na iminência de um rearranjo de poderes institucionais, com a possibilidade de evolução para um sistema parlamentarista.

É um quadro que assinala oportunidades, apesar dos percalços descritos. Para os partidos, a desejada retomada de sintonia com a sociedade passa inevitavelmente pela compreensão de nossos anseios mais agudos. Por isso, precisamos urgentemente debater de forma suprapartidária, desvendar a natureza dos entraves à ação feminista nos partidos e visualizar novas perspectivas para a atuação das mulheres nos partidos.

(Este artigo foi escrito com a colaboração de depoimentos de Zuleika Alambert, Amélia Telles, Marise Egger e Irene Cardoso)

Fátima Jordão é membro do Conselho Editorial do *Mulherio* e pesquisadora de opinião pública

Apaixonadas, sim Violentas. não

Ana, Lara e Paula ultrapassaram, um dia, a fronteira — atualmente delicada — que separa a sociedade da contravenção

O caso de maior repercussão entre os três foi o de Maria Paula, filha do vice-governador do Rio de Janeiro Francisco Amaral. Ela confessou publicamente sua paixão pelo traficante Paulo Roberto de Moura Lima, o Meio-Quilo, a quem visitava semanalmente na Penitenciária, onde se conheceu num trabalho social. Meio-Quilo, condenado a 360 anos de cadeia, controlava a venda de cocaína no Morro do Jacarezinho e morreu de maneira ainda não esclarecida, depois de tentativa de fuga num helicóptero e de ser liberado do Hospital Souza Aguiar. Para o vice-governador, ele era o fruto da permissividade dos valores, mas para Maria Paula tratava-se de um herói popular.

Mas não era apenas Maria Paula que considerava Meio-Quilo um herói. Ele foi enterrado como tal em setembro por cerca de 3 mil pessoas. Mereceu até Hino Nacional ao descer à cova para espanto de muita gente que acabou fazendo confusão, seja apontando o caso como prova cabal da decadência das instituições brasileiras, seja atribuindo ao traficante o mérito de ser um defensor dos fracos e oprimidos, uma espécie de Robin-Hood caboclo.

Se o terrorismo de direita chegou a usar o episódio para culpar o "excesso de liberalismo do País", o vice-governador foi mais longe. Para Francisco Amaral, a culpa do "deslize" de Maria Paula só tinha uma explicação: Ela ter vivido longe de sua companhia. Um tipo de justificativa bastante comum nos consultórios psiquiátricos, na medida em que se tenta desviar a atenção do fundamental (o relacionamento precário com a filha) para o accidental (a separação da mãe).

A explicação de Amaral continua pela falácia ao apontar a visão romancada que Maria Paula fazia dele como responsável pela sua paixão. A essa justificativa, Amaral deveria ter acrescentado mais uma, que deve ser para ele, velho cacique da política, a principal: Meio-Quilo pertencia ao "colégio eleitoral" do ex-governador do Rio Leonel Brizola, que selou seu apoio à contravenção enquanto administrou o Estado.

Defesa apaixonada

O segundo amor bandido que entrou em cena foi o da estudante de direito Lara Ferreira Goulart, neta do coronel-médico do Exército Hypparcc Ferreira, presa em outubro na companhia de Paulo Cesar dos Reis Encina o Paulo Maluco, irmão do Escadinha, um dos mais famosos bandidos do País. Maluco reina no morro do Juramento, onde é responsável pelo pontic de droga. Ao contrário de Meio-Quilo, ele estava em liberdade, depois de uma fuga bem sucedida do presidio de Ilha Grande, onde cumpria pena por oito homicídios.

Paulo Maluco se auto-define como "a morte". Porém, Lara garante que o "relacionamento dos dois nada tinha a ver com a vida que ele levava, quando não estava com ela". O namoro começou no morro do Juramento, on-

ela foi com um amigo para curtir o samba. Depois de convictamente apaixonada e ciente de toda a história de Paulo Maluco, Lara resolveu trancar a matrícula na faculdade de direito, por achar que seria uma incoerência, e sofreu pressão da mãe para optar entre ser mulher de bandido ou morar com a família.

Lara não escolheu. Hoje vive, sem queixas, um caso de amor sem final feliz. Paulo Maluco foi removido para o presidio Ari Franco e ela, que não se considera bandida, depois de atuada por tráfico de tóxico e formação de quadrilha, foi encaminhada à carceragem feminina de Polinter, onde teve de se impor as "outras namoradas" de Paulo Maluco. Igualmente à Paula, ela afirma que Paulo Maluco é um herói que dá dinheiro a quem precisa, constrói casas para o pessoal do morro e so mata o bandido e safado por quem não sabe o que é honra, do qual faz parte sua lisura no tráfico: "Ele nunca mistura nada ao pó". Também com ela, Paulo Maluco era generoso; gastava mais de Cz\$ 10 mil por motel, comprava jóias, pagava cabeleireiro três vezes por semana, restaurantes caros e guarda-roupa completo.

De princesa a bandida?

O terceiro caso de amor bandido também aconteceu em outubro e começou a ganhar as manchetes dos jornais com o sequestro de uma colegial de 15 anos por três homens que exigiam Cz\$ 3 milhões de resgate. Esse era o primeiro capítulo de uma história complicada que tinha como casal principal a estudante Ana Carina Trotta Cahet, 15 anos, neta do ex-deputado estadual Diofrido Trotta do antigo MDB, e o assaltante e estuproador Wilson Anibal Ramos, o Gringo.

Tudo não passava de uma farsa, tramada por Ana Carina e Gringo, fugitivo há um ano da Ilha Grande, onde cumpria pena por assalto e falsificação de documentos. Por ser menor de idade, o advogado da família Trotta, Faisal Metne, está tentando provar que Ana foi a cabeça do Gringo. Enquanto o Juiz de direito não se pronunciar, ela permanece internada numa unidade da Fundação Estadual da Educação do Menor (Feem).

Ana Carina não deu entrevistas, mas a mulher do Gringo, Joyce Helena Vasconcelos Martins, a considera "uma deslumbrada" e que seu homem, assim como os demais contra-

vitores, ficam mesmo é com suas mulheres que "vão à luta por eles". Segundo Joyce, Carina foi a única responsável pela trama do sequestro, tendo envolvido seu inocente marido com proposta de jóias e dinheiro. Joyce comprova a tese que na marginalidade o amor segue outras regras que não passam pelo sentido social de traição.

A paixão de Ana Carina pelo Gringo começou na casa de seu primo, João Carlos de Almeida Silveira, subtenente da reserva da Marinha, também envolvido na trama, mas "inocentado" pelo coronel Lucio Marçal Ferreira, presidente do Olympic Clube, onde Ana Carina foi Rainha da Primavera. De acordo com ele, Carina era feurótica devido à separação dos pais e só envolveu João Carlos na história por vingança. A razão: "seu amor pôr e não ser a correspondido".

Ao que tudo na casa Ana, Lara e Paula buscaram nos contraventores a idealização do contrário, ou seja, uma versão bem diferente dos pais. Nos três enredos, outras coincidências: todas transformaram seus namorados em heróis e usaram a marginalidade como uma porta para a aventura.



Maria Paula e Meio-Quilo, encontro semanal na penitenciária do Rio

Nem toda mocinha de classe média corre atrás de yuppie (jovens executivos bem sucedidos) para casar. Algumas optam pelo amor bandido. Este é o caso recente de três jovens cariocas: Ana Carina Cahet, 15; Lara Ferreira Goulart, 19; e Maria Paula Amaral, 20, que se apaixonaram por famosos contraventores.

Minha matéria vai sair essa semana? Pergunta de free-lancer estagiária? Não. De uma jornalista conhecida no Brasil inteiro, com quinze anos de curriculum como cronista, reporter especial nos melhores órgãos de comunicação do país, reporter de tevê de "produto acabado" (pauta, faz a matéria, redige e edita) e escritora de oito livros, o primeiro com dezoito edições vendidas. Verbete do Aurélio. Cria de Rubem Braga e Samuel Wainer. Musa de Manuel Bandeira que lhe dedicou um poema "MARISA". Família tradicional. Nasceu no Packard do pai na porta da Casa de Saúde Arnaldo de Moraes, no Rio de Janeiro em fins da década de 40.

Marisa durante a gravação do TV Mulher



MARISA RAJA GABAGLIA

Nasci no final da década de 40, na classe média alta, dentro dos mais rígidos princípios da Tradição, Família e Propriedade e sob a ditadura do "não pode" e "não fica bem".

Fiz, no decorrer da minha vida, tudo que não podia e não ficava bem. O que leva uma moça a ruptura tão violenta? A melhor resposta para isso é REPRESSÃO. As amarras ideológicas impostas por um colégio interno elitista como o "Sacré Coeur de Jésus", para onde fui com seis anos, orfã de mãe, foi o início de um processo de carceragem que só podia levar com o decorrer do tempo à mais desesperada tentativa de liberdade.

No internato, aprendi Aristóteles (que declarava que a maior qualidade de mulher é ficar calada), Santo Tomás de Aquino e sua absurda escolástica, Bossuet e seus revoltantes discursos maniqueístas, para não falar (sem rir), na obrigação de decorar Corneille e suas bravatas, Racine e os ferozes e tranes de Santa Teresa de Ávila.

Com 5 anos de idade, comeci o adorável pecado mortal da masturbação. Como durante dez anos fui obrigada a assistir à missa diariamente, em consequência das "sirrnicas", também tive que me confessar diariamente, durante dez anos de internato.

Acredito que aos oprimidos e dada uma lucidez proporcional à opressão. Há os que se acomodam e há os que se rebelam. Desde os 9 anos, quando escrevi meu primeiro poema e mandei para o Manuel Bandeira, senti que tinha começado a minha vida e ela acabou na no meio dos livros. Se ficava um dia sem escrever, a cicatriz me ardia. Se escrevia, ela me ardia também. A tatuagem da palavra escrita estava desenhada em mim, para o resto da vida. A rebelião também

Sai do Sacré Coeur de Jésus aos 16 anos sem que a palavra SEXO jamais tivesse sido tocada nem no colégio, nem em casa, onde reinava uma madrasa cuja vida se alimentava de jóias e reuniões protestantes nas diversas mansões do meu pai. A vergonha daquele teatro absurdo me levava a me refugiar permanentemente no meu quarto, devorar toda a literatura brasileira e francesa proibida, ouvir música clássica e me corresponder com Bandeira, a única pessoa até meus 16 anos que compreendia não só minha linguagem como o falto insólido de, em nenhum dia até então, ter conhecido o que seria algo chamado "felicidade".

Processo da Liberdade

Para terror da família e debaixo de ameaças do meu pai, fiz vestibular para o curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Ser jornalista era "andar com a raia e exercer o ofício menor". Ignorei tudo e passei em primeiro lugar. Comecei, aos prantos, com Bandeira no meu pequeno apartamento na Avenida Beira Mar, no Rio de Janeiro.

A rebelião começava a ferver. O primeiro passo era sair de casa. Essa espera até a maioridade e um emprego seriam mais quatro anos de tortura. A única saída era o casamento. A exigência era "um excelente partido". Armei-o. Em três meses estava casada e nove depois de perder uma virgindade vivada, era mãe da minha primeira filha. Foi como sair de uma solitária para uma cela mais arejada. Mas a prisão era a mesma.

"Rainha do Lar", com enfermeira, criada, choler, joias e uma vida social com a nata da imbecilidade rica me levaram novamente contra tudo e todos a voltar para a faculdade. Era preciso terminar meu curso de jornalismo, a Aliança Francesa, a Cultura Inglesa e ter mais uma filha. O pre-

O preço de um

AMOR BANDIDO

DISCRIMINAÇÃO FAMILIAR E PROFISSIONAL

Em 1981 estava no auge de minha carreira. Tinha seis livros publicados e um espaço próprio na TV Globo, no programa TV Mulher. Nessa época, conheci Hosmany Ramos, um médico inteligente do jet set com quatro mercedes e três aviões, abduzido que questionei. Otive dele a resposta satisfatória de que iria vender os quatro carros num "pacote" para alguma multinacional, pois assim teria mais lucro. Os aviões seriam trocados por um, maior. As mercedes viviam expostas para quem quisesse, ver, no calçadão da Avenida Atlântica, onde ele morava e os aviões no aeroporto de Jacarepaguá, sem nenhum questionamento fiscal. Inclusive, quando fizemos uma viagem ao Rio Grande do Sul, numa das mercedes, fomos detidos por alta velocidade pela Polícia Rodoviária. Os documentos do carro foram devidamente verificados e nós, liberados para continuar a viagem. Alguém, no meu lugar, em só consciência poderia supor que havia algo de errado?

Uma tarde, no final de 81, eu já me preparava para casar com Hosmany, quando toco o telefone do meu apartamento na Gávea. Era, mais uma vez, Francisco Dornelles, meu primeiro amante e que eu conhecia desde solteira quando ele era secretário parti-

cular (e sobrinho) de Tancreto Neves, que foi meu padrinho de casamento. Durante dez anos esses telefonemas se repetiram seguidos de eventuais saídas sem maiores consequências. Inadvertidamente, e mais ingenuamente, sem me conscientizar que ele era o secretário da Receita Federal de Hosmany e das mercedes.

Uma semana depois, sem aviso prévio, eu estava em São Paulo gravando o TV Mulher quando tomo conhecimento através de um Hosmany perplexo e desesperado de que seu consultório fora invadido pela Polícia da Receita Federal, seu apartamento vasculhado e que pesava contra ele um mandado de prisão.

Liguei para o Dornelles em Brasília, aos prantos. Ele exigiu que eu me afastasse "do bandido do Hosmany", sob pena de levar uma surra dada por ele.

Como meu comportamento fiscal e jurídico sempre foi absolutamente íntegro, eu não tinha razão para temer. Mas a tragédia se abateu sobre meu amor.

Como ser humano e como mulher, não podia abandonar Hosmany nessa hora. Ele fugira para São Paulo e fui tendo notícias de suas atitudes desesperadas, exclusivamente através dos prantos, até o momento em que ele

foi preso. Concomitantemente, fui dispensada do TV Mulher, sem qualquer aviso.

Começava uma guerra nova para mim: depois da discriminação familiar e filial, a profissional.

Pouco depois, era dispensada da Última Hora. Enquanto todos os órgãos de imprensa me crucificavam pela minha atitude eu vivificava Hosmany no DEIC e declarava à radios, jornais e tevês de todo País: "Não julgo nem justifico Hosmany. Compreendo e amo".

O preço dessa atitude foi ficar seis anos, desempregada, vender meus móveis um a um, para sobreviver e hoje, marcada como se marcamos os bois, estou reconhecendo. Devo essa volta à vida à minha cunhada Thereza Salles, que através de um trabalho diário e incansável, de meses, com um carinho infinito e despendido, está me fazendo ver que a vida ainda vale a pena.

Nesses seis anos, escrevi meus dois primeiros romances para que o delírio saísse da minha cabeça e se amoldasse a meus ossos. Como diz Clarice Lispector, minha amiga, no Livro dos Prazeres: "Para aprender a alegria você precisa de todas as garantias". Há muito tempo, Clarice, me despedi da alegria. E das garantias.



A história de Hosmany

Mais sete anos de prisão foram acrescentados à pena imposta ao ex-médico Hosmany Ramos, preso desde 1981, quando passou a responder mais de dezoito processos por assaltos, tráfico de drogas e assassinato. Hosmany um dos mais famosos cirurgiões plásticos viu sua sentença aumentar, após julgamento ocorrido em São Paulo no mês de setembro quando a Polícia Federal reuniu provas de que Hosmany teria matado seu companheiro de assaltos, o estelionatário Firmiano Rangel. Atualmente está preso em Taubaté, interior de São Paulo, há dois anos. Hosmany em sua primeira sentença foi acusado da morte do piloto Joel Avon, que o acompanhava em alguns assaltos entre o Brasil e o Paraguai.

As investidas de Hosmany no crime começaram a partir de seu romance com a socialite Beki Klabin, ex-mulher do milionário Horácio Klabin, com quem morou dois anos. Nesta época, Hosmany já era considerado um dos mais importantes cirurgiões plásticos do País, inclusive por seu mestre e amigo, Ivo Pitanguy, com quem trabalhou por mais de dois anos em uma clínica instalada no Rio de Janeiro. Frequentando as festas mais badaladas da sociedade paulista e carioca, o médico teve a oportunidade de conhecer pessoas milionárias.

Paralelamente à brilhante atuação profissional que o acompanhava Hosmany, afastando-se de qualquer acusação criminal, havia o silêncio de muitas pessoas prejudicadas que, em decorrência de sua posição social, procuravam evitar possíveis escândalos, entre elas o próprio cirurgião Ivo Pitanguy, que até hoje não assume e lida pouco diretamente com Hosmany tendo sido seu assistente predileto.

Hoje, ao lado de presos famosos como João Acácio Pereira, o "Bandido da Luz Vermelha" e Max Luis Gusmão, o "Dentinho", Hosmany aguarda sua liberdade condicional em 1989, enquanto o forte esquema de segurança da Casa de Custódia evita que ele tente escapar pela 15ª vez, o que aconteceu nesses últimos sete anos.





LAURIMAR COELHO

O acidente com a cápsula de césio-137, em Goiânia, ocorreu há três meses. No entanto, os efeitos da radioatividade, bem como a preocupação dos ecologistas nacionais tem permanecido, gerando uma série de polêmicas em torno do Projeto Nuclear Brasileiro. "O principal responsável pelas dimensões deste acidente em Goiânia é o Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN), que depende do trabalho de técnicos totalmente despreparados para enfrentar situações de emergência no controle da radioatividade e não tem uma política de fiscalização do uso de aparelhos radioterápicos no País", afirma o escritor e presidente do Partido Verde Fernando Gabeira.

À frente do PV, num trabalho de mobilização popular e esclarecimento contra a discriminação sofrida, não apenas pelas vítimas diretas do césio-137, mas por toda a população goiânia, Gabeira faz questão de salientar que não concorda com o tratamento dado pelas autoridades à problemática. "Estou cansado de ver as pessoas tratarem Goiânia como um espetáculo. É como se tudo o que está acontecendo não fizesse parte de nossas vidas ou não acarretasse nenhuma consequência futura para nós. Os políticos agem como avestruzes, não querendo ver o que está acontecendo. Poucos foram ver de perto as áreas contaminadas e o ministro do Meio Ambiente chegou a alegar que não via nenhuma ligação entre o seu trabalho e o acidente em Goiânia".

Para Gabeira os responsáveis pelo acidente são facilmente apontados: o presidente do Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Rex Nazaré, o governo de Goiás e os médicos encarregados do uso de aparelho de radioterapia abandonado na clínica: "Acredito que todos eles não serão punidos no momento, uma vez que a questão sequer foi resolvida e controlada. Só espero, porém, que nunca

incriminem Devair e o catador de papel por terem pego o aparelho, afinal eles são apenas as principais vítimas do nosso plano nuclear", enfatiza.

Militarização das vítimas

A questão do despreparo dos técnicos do CNEN e o levantamento dos responsáveis envolvidos no acidente começaram a ser discutidos quando foram registradas quatro vítimas fatais, dezesseis pessoas internadas em estado grave e mais de duzentas contaminadas com o material radioativo. Segundo Gabeira, a partir deste período houve um processo de "militarização das vítimas", o que alarmou a população e, conseqüentemente, fez surgir a discriminação, fluindo diretamente no fluxo migratório do Estado e na sua economia, já que os demais Estados brasileiros passaram a recusar os visitantes e os produtos goianos: "As pessoas contaminadas têm sido tratadas como segredos militares. São isoladas até mesmo de seus parentes mais próximos e as informações sobre a saúde de cada uma delas tornaram-se praticamente inaccessíveis", explica.

Atualmente, algumas pesquisas realizadas pelos técnicos do CNEN revelam que o número de vítimas contaminadas passou para 5 mil, uma vez que no transporte do césio feito pelo dono do ferro-velho, Devair Ferreira, até sua casa, várias pessoas teriam entrado em contato com a radiação. Estes dados, na opinião de Gabeira, ainda podem ser relativos: "A argumentação dos técnicos de que tudo está sob controle baseia-se apenas no número de pessoas que compareceram voluntariamente aos exames de rastreamento. No entanto, deve haver muitas pessoas que sequer imaginam estar contaminadas. Penso nas consequências que sofreríamos se ocorresse algum acidente em uma de nossas usinas nucleares. Na verdade, estamos muito distantes de um esquema eficaz de segurança contra acidentes desta espécie", crítica.

O PERIGO RONDA A NOSSA PORTA

Preocupado com as conseqüências do acidente radioativo ocorrido em Goiânia, o escritor e militante do Partido Verde carioca Fernando Gabeira faz há meses debates sobre o assunto e prepara um livro: **Rua 57, Goiânia.**

O PV e a democratização do lixo

"Atualmente o PV vem se empenhando no sentido de pressionar as autoridades contra a liberação indiscriminada das áreas contaminadas e humanizar o tratamento às vítimas, além de fazer uma ampla discussão ecológica acerca das conseqüências da contaminação e a imediata retirada

do lixo radioativo do local", diz Gabeira.

Através de uma série de campanhas de esclarecimento, que incluiu uma passeata com a participação de 2 mil pessoas no centro de Goiânia, no mês passado, e a criação do Comitê Amigos de Goiânia, Gabeira confessou estar preocupado com a fragilidade da população frente à questão nuclear no Brasil e a falta de informação: "Poucas pessoas presentes à passeata conheciam o símbolo que representa o perigo da radiação. Elas estavam ali porque sabiam que tinham algo a temer, mas não conheciam exatamente o que significava a contaminação radioativa", conta.

Através do lançamento de seu mais novo livro, previsto para o dia 16 de dezembro, chamado *Rua 57, Goiânia*, no qual pretende fazer uma análise completa a respeito do acidente ocorrido em Goiânia e as perspectivas do Plano Nuclear Brasileiro em função da atuação do Conselho Nacional de Energia Nuclear frente à contaminação radioativa, Gabeira pretende fazer resurgir as discussões acerca da utilidade das Usinas Nucleares e do papel dos movimentos ecológicos no País.



VIVENDO A DIFERENÇA

MARIA LÚCIA
DE BARROS MOTT

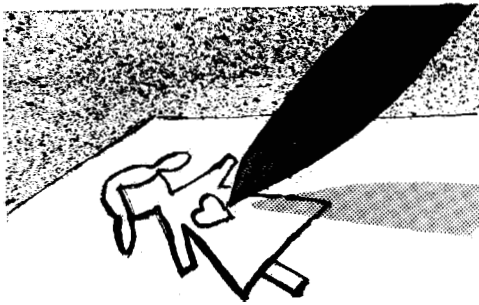
Lígia Assumpção Amaral Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo. Tese de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade São Paulo, 1987. 144p.

Em julho último, um encontro internacional realizado em Jerusalém (Israel) sobre educação para deficientes, além de tratar os aspectos especificamente educacionais, enfatizou a necessidade de se trabalhar a questão da aceitação e o comportamento adequado das pessoas ditas "normais" para com as deficientes.

A importância desta segunda questão privilegiada pelo encontro fica bastante evidente depois da leitura da tese de Lígia Assumpção. Proveniente de uma família paulista de classe-média, teve todo o tratamento custeado pela família (cerca de 20 operações, devido à pólio contraída quando tinha um ano de idade, no início dos anos 40) e educação em colégio particular. Como "Poliana" venceu todas as barreiras: obteve diploma em curso superior, namorou, dançou, casou, teve filhos, trabalhou e até se separou do marido. Mas a que preço? Sem se preocupar com periodização rígida, Lígia vai recortando suas lembranças, deixando o leitor montar o quebra-cabeças. O desenho vai se delineando, o cotidiano se reconstruindo. Através da sua marca, a perna boa e a perna ruim: o apelido de "mula-manca" na escola, o papel de "café-com-leite" nas brincadeiras, os recreios dentro da sala-de-aula, a proibição de usar sapato de salto alto, a dúvida quanto a possibilidade da maternidade (condição que impôs a si própria para se casar com o homem amado) e até mesmo o direito de exercer a profissão de terapeuta em Psicologia, já que determinado professor universitário defendia a tese da importância do clínico ter uma "aparência normal e saudável" (sic).

Uma professora de Edu-

A ênfase na reabilitação das pessoas deficientes tem sido, até agora, na sua integração social. Só recentemente, questões como rejeição familiar, sexualidade, formação de guetos, estereótipos veiculados pelos meios de comunicação, preconceito, além das inúmeras barreiras arquitetônicas e burocráticas têm sido discutidas. Os livros aqui apresentados dão uma importante contribuição para refletir sobre estas questões, que a maioria de nós prefere não ouvir, não ver, nem falar. Esta matéria é a quarta da série "Memória Feminina contada em livros".



Raça Viva
Ruth Souza
São Paulo, Vega Luz, 1986
97 p.

Em 1982, com pouco mais de 30 anos, a paulistana Ruth Souza sofreu um acidente. O ônibus de transporte urbano em que viajava, chocou-se com um caminhão. Retirada por dentre as ferragens, precisando socorro imediato, sofrendo dores alucinantes, teve a ajuda negada por policiais. Levada finalmente à Santa Casa (SP), por particulares, teve que esperar a autorização de familiares, horas, para que lhes dessem a anestesia e amputassem a perna.

O livro refere-se a esta etapa de sua vida: os dias de hospital, a recuperação, a fisioterapia, as infundáveis filas do INPS, o enfrentamento do novo corpo, marcado agora por um outro qualificativo. Mulher, negra e deficiente.

Ex-digitora, poeta, às portas da formatura do curso de Estudos Sociais (queria ser professora por convicção), viu o cotidiano transformar-se assustadoramente. A relação com o companheiro foi afetada pela impossibilidade de gozarem o lazer juntos (e pela necessidade de cuidados especiais e pela impossibilidade de realizar os mesmos trabalhos domésticos? talvez), pelo preconceito. Começam a aparecer noivas, mulheres "normais", algumas delas oferecidas a ele pelos membros da mesma igreja evangélica que professava.

Sua primeira prótese foi rejeitada pelo organismo. Os melhores aparelhos, ainda são estrangeiros. O preço é

cação Física resolveu a questão "café-com-leite". Dispensada até então da aula de ginástica e de tudo que isto significa, como usar a roupa de ginástica, a professora chamou-a para participar das aulas e fazer apenas aquilo que era possível. Foi um ovo de Colombo... ou apenas uma lição de bom senso? Os tombos também foram reduzidos quando dois profissionais competentes passaram a usar um material mais resistente que não arrebentava a trava do aparelho que sustentava o joelho. Quanto ao recreio, o motorista do ônibus escolar passou a levá-la, no colo, da classe para o pátio ou para outro local desejado. O direito de ser mãe lhe foi dado por um ortopedista depois de examinar as suas radiografias (por que os outros médicos lhe negaram? Só as "normais" devem ter filhos?)

Mas nem tudo foi resolvido pelos outros. Além das cicatrizes, muitas marcas ficaram, algumas, Lígia conseguiu apagar por si mesma com a ajuda da análise, umas maquiou e com outras, ainda convive. Por muito tempo amargou um enorme sentimento de culpa devido uma viagem a Tambau (SP)

na esperança que o padre Donizetti fizesse um milagre. Voltou com as mesmas pernas, além da certeza que o milagre não se realizará por sua própria culpa.

Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo é uma tese que sem dúvida foge ao usual, seja pelo tema — estudo de grupos e segmentos considerados de "segunda categoria" — seja pela metodologia empregada (apresentada no final do trabalho). Li, porém, a tese como um livro, com uma emoção inconfundida.

Talvez por isso no meu quebra-cabeças, faltaram algumas peças, principalmente aquelas que compõem a paisagem, o tempo vivido, que Lígia conscientemente deixa apenas vislubar (como aquela deliciosa descrição da ansiedade adolescente, quando simulava o uso de soutien, vestindo duas combinações, duplicando assim as alças que apareciam por sob a blusa). Fica aí a sugestão para a publicação da tese em livro, dando maior espaço à vida, descartando as questões metodológicas do pós-escrito e utilizando a mesma apresentação iconográfica.

proibido, pois é considerado supérfluo e, não são vendidos à prestação. Foi através de uma colaboração coletiva que resolveu o problema. Mas os ônibus, as escadas, as filas são intermináveis, acrescentando um cansaço triplicado. Duplicado seria aceitável, triplicado é desnecessário. Pessoas, construções, aparelhos, são programados, apenas, para os normais. Aleijado tem que ficar em "casa", lhe disse o cobrador de ônibus.

A prótese ajustou-se ao corpo, o corpo à vida. Grávida resolveu ter o filho, "perpetuar a raça". A avó Benedita Paulino Castilho, nascida nove anos após a Lei do Ventre Livre lhe ensinou que deveria "estudar, trabalhar e não deixar que nenhum feitor a fizesse cativa de si mesma". Não desanimou diante do desejo de ser independente, terminou a faculdade, voltou a trabalhar, teve o filho.

Ruth não assume o papel de vítima. Os dias de hospital, antes de enfrentar fisioterapeutas, psicólogo etc., são lembrados pelo lado bom, pelo carinho e amizade com que foi cercada. Tem uma visão crítica da medicina oferecida pelo Estado. Afinal, além da própria experiência, sua mãe morreu porque ao chegar no hospital durante o plantão noturno, os funcionários não acharam a chave de determinado armário!

O livro refere-se, ainda, embora rapidamente, a outras questões que merecem reflexão, como a da exploração sexual e afetiva da mulher deficiente e a violência sexual doméstica. Uma das alunas do colégio onde Ruth lecionava, obrigada a manter relações sexuais com o pai, foi acusada pela mãe de "seduzi-lo". O livro tem dois poréns: O último capítulo é ufanista demais com os homens da Nova República (foi escrito durante o Plano Cruzado e antes das eleições de 1986); o outro, refere-se à linguagem. Tenho lido textos de autores negros, militantes, que se utilizam de expressões como "noite escura" (p.39), como sinônimo de situação ruim, difícil; e "esclarecer" (p.61) no lugar de explicar, informar. Parafraseando Caetano, "minha pátria, minha língua"...

Yone Quartim
 Vídeo Tape
 São Paulo, s.c.p. 1976 92p

O livro tem o ritmo de uma secretária a taquígrafa. Rápido como se tivesse que entregar o serviço no fim do expediente. Já disseram antes que esta era uma questão a ser levada em conta pela autora, ela não ficou para o conselho...

Yone nasceu em Castro (PA) durante a Primeira Guerra. A cidade é lembrada como local de férias, pelos tipos característicos de cidade do interior e local onde eram recrutados as empregadas domésticas da mãe. A infância foi passada em Bauri, interior de São Paulo, onde o pai, advogado, foi assassinado por adversários políticos, quando ganhou uma causa no Supremo Tribunal Federal. A família mudou-se, então, para São Paulo dos anos 20; casas no centro com goiabeiras, bondes, procissões, enterros — de carro fúnebre puxado por cavalos e luto fechado mesmo para as crianças —, carnaval e modernidades — rádio, cinema e Zepelin.

A primeira escola frequentada foi de religiosas, o Externato Santa Cecília, e a segunda, o Mackenzie, "Escola Americana", protestante, onde fez o curso para secretária tendo direito, a além de aulas de taquígrafia inglesa e culto religioso diário, a excursões para várias cidades, para o estudo das instituições que primassem pela organização, incluindo-se aí a Penitenciária de São Paulo!

SALTANDO OBSTÁCULOS



Roberto Emilio Neri

Embora misto, o Mackenzie possuía duas entradas. O portão maior era para os rapazes. O recreio também era separado e cada vez que uma das moças queria ir ao bar localizado no território masculino, tinha que ser acompanhada por uma funcionária. Yone conseguiu cair nas graças da encarregada e tinha circulação livre. Em 1932, devido à Revolução, os alunos passaram por

decreto. O Ginásium do colégio foi transformado em hospital e foram ministradas aulas de enfermagem para ter quem cuidasse dos feridos.

Chêgou então o tempo dos bailes, dos namorados, dos cinemas, na matinê das moças, sessões às sextas-feiras pela tarde e preço mais barato, no luxuoso cinema Rosário, situado no prédio Martinelli. As amigas

iam de carona com uma colega de classe que guiava um Ford Jr., ou então com o único rapaz da turma que, evidentemente, não assistia aos filmes.

Yone queria ser médica. Uma das razões que levaram-na a escolher outro curso foi pelo fato deles serem custeados por uma tia. Um curso mais longo necessitaria de ajuda prolongada, o que ela não achava justo.

Trabalhou como secretária em firmas particulares, ingressando no funcionalismo público em 1937, pelas mãos do seu tio Valdomiro Silveira (deputado estadual e secretário de Estado).

O relato termina nos anos 40, quando chegou a frequentar o lado mundano da diladura Vargas, como a festa de despedida de solteira de Alzirinha Vargas.

Yone, de passagem, refere-se a uma diferença de tamanho entre as suas pernas. Isto quando criança levou que fosse contratada uma professora particular, retardando sua entrada na escola; que não participasse de algumas festas escolares que exigiam destreza nos pés e reprimendas da irmã que achava que ao manquitolar, ela estava "rebolando". Não evitou que levasse surras da mãe, dançasse, namorasse e tivesse filhos. Na sua história a questão "da diferença" ficou para segundo plano.

Maria Lúcia de Barros Mott é membro do Conselho Editorial do Mulherio e pesquisadora do Centro de Estudos de Demografia e História da América Latina-SP.

ASSINE
 De Mulherio de Presente

MULHERIO

Na compra de duas ou mais assinaturas
 você receberá um livro de presente

VIVÊNCIA

história, sexualidade e imagens femininas



Vivência — História, Sexualidade e Imagens Femininas — Fundação Carlos Chagas. Organização Maria Cristina Bruschini, Fulvia Rosemberg. Editora Brasiliense 288 pg. 1980



Mulher Brasileira — Trabalho, Direito, Educação, Arte e Meios de Comunicação Bibliografia Anotada Vol. II Fundação Carlos Chagas. Editora Brasiliense 395 pg. 1981.

Para ENVIO do livro:

Nome _____
 Endereço _____
 CEP _____ Cidade _____ Est. _____

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome completo _____
 Endereço _____
 CEP _____ Cidade _____ Est. _____
 Data nasc. _____ sexo _____ DDD _____
 Telefone _____ Profissão _____

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. Cz\$ 300,00 América Latina US\$ 18,00 — Exterior via aérea US\$ 24,00.

VALIDO ATE 31.12.87

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome completo _____
 Endereço _____
 CEP _____ Cidade _____ Est. _____
 Data nasc. _____ sexo _____ DDD _____
 Telefone _____ Profissão _____

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. Cz\$ 300,00 América Latina US\$ 18,00 — Exterior via aérea US\$ 24,00.

VÁLIDO ATÉ 31.12.87

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo —SP, fone (011) 212-9052

Amor e temor à própria técnica

Cinematógrafo de Letras
Flora Sussekind
São Paulo, Companhia das
Letras, 1987

LÚCIA CASTELLO
BRANCO

Fazer uma leitura histórica da produção literária de determinada época não significa necessariamente buscar o oculto sentido dos textos, as ideias ou ideologias veiculadas, a presença de grandes marcos sociológicos no enunciado. Um outro caminho pode ser trilhado: o das formas literárias, o das marcas de história na superfície da história, na urdidura do discurso, no tecido da linguagem. Como numa tela em que não se busque exatamente a imagem, mas os processos de captura da imagem, os pontos de luz que refletidos na superfície branca, constroem a imagem.

Isso significa também fazer história literária. A diferença é que, nesse caso, o crítico não trabalha com o sentido mauisucido do texto, com sua hermenêutica, mas com os sentidos que se disseminam no discurso, que afetam o ouvido, os dedos, os olhos. Como um toque da

autor na máquina de escrever.

Esta a leitura efetuada por Flora Sussekind em *Cinematógrafo de Letras*. Uma leitura que pretende historiar não propriamente a influência das evoluções técnicas na Literatura de fins do século XIX e princípios do século XX, mas as formas de conceber a produção literária do período. Não se trata apenas de perceber as relações entre técnica e escrita literária, mas de ler a escrita literária enquanto técnica. Uma escrita que referencia, ou recusa, a "máquina", hesita diante de uma paisagem techno-industrial em formação no País.

A leitura não se concentra no argumento do cinematógrafo — o que desliza, em total nudez, diante de nossos olhos, não são exatamente imagens em movimento, mas letras, cinematógrafo de letras. E assim, o chamado pre-modernismo brasileiro deixa de ser visto apenas como uma fase de transição, que antecede o modernismo, para ser concebido em sua especificidade: a de um flirt com a técnica — as vezes negado, as vezes hesitante, as vezes as-

sumido num ato de apropriação literária dos processos técnicos de então.

Finalmente, naquela virada de século não foram poucas as inovações técnicas ocorridas no Brasil: em 1886 ocorrem as primeiras projeções do cinematógrafo; em 1889, o início da divulgação dos fonógrafos; em 1900, o emprego dos métodos fotoquímicos de reprodução na imprensa. É natural portanto que a Literatura dessa época fosse diretamente marcada por um estreitamento de relações com a mídia.

E de se esperar, também que a dimensão temporal — elemento estruturador da ficção e da poesia — fosse diretamente afetada pelas novas invenções tecnológicas. Assim, diante de uma perspectiva temporal que se edifica a partir do privilégio da velocidade, a Literatura da

época responde ora exaltando a fragmentação, a fortitude das coisas (tendência que teria na crônica sua perfeita adequação), ora desacelerando o tempo até a lentidão narrativa, característica evidente em diversos textos do período, sobretudo na vasta produção de cunho memorialista.

Na verdade, esses textos buscavam nada mais que retratar — numa atividade de espanto, negação, ou deslumbramento — a paisagem em transformação daquelas décadas. Mas nem sempre a perspectiva era muito feliz: algumas vezes, diante da hesitação, a janela se abria para o passado; outras vezes, a tentativa de imitação fiel dos novos processos técnicos disponíveis desembocava não exatamente na modernidade, mas no saudosismo.



Lucia Castello Branco é professora de Literatura da Faculdade de Letras da UFMG.



Diário sobre o amor e a solidão

A Dedicatória
Roland Strauß
Rio de Janeiro, Globo, 1987

RENATO CORDEIRO
GOMES

O alemão Boito Strauss não é inteiramente desconhecido do público brasileiro. Rmancista, dramaturgo, diretor teatral e roteirista de cinema, esse importante autor da atual literatura alemã nos foi apresentado pela peça *Grande e pequeno*, produzida e interpretada por Renata Sorrah. O universo dilacerado, como o da solitária Lotte, objeto da rejeição imposto pela sociedade, é ampliado pelo romance *Um homem jovem*, lançado aqui no início deste ano. Agora, através de *A dedicatória*, romance de 1977, podemos penetrar melhor nesta vigorosa e bela ficção que discute a condição humana. Em meio a perdas, buscas, desencontros e solidão na sociedade tecnológica em que o consumo desenfreado não trouxe a fe-

licidade esperada, revela-se o frustrado individualismo na angustiante procura de comunicação.

Fsse discurso amoroso e de extrema solidão e cortado de todo poder para usar a expressão de Roland Barthes. Para o sujeito amoroso — Richard — que escreve há apenas a ausência do outro — Hannah. E este outro que parte, o eu fica inversamente ao outro, o eu é sedentário, imóvel, a disposição, espera, em sofrimento.

Escrevendo, ele não tenta de modo algum se libertar dela. Ele não narrava, ele esperava. A escrita, lugar da encenação da subjetividade de se dá em espetáculo. Através da escrita, ele tenta falar frente ao outro, que em ausência não fala. Transforma esta ausência em prova de abandono.

Nesta perspectiva, Richard ocupa inversamente o lugar da mulher na imagem clássica da ausência. A mulher é sedentária e fiel. Tece, enquanto espera o homem, caçador ou navegador, que

partiu. Richard, como uma Penelope da sociedade pós-industrial, tece o seu texto mas sem desestecê-lo, movido pela eterna necessidade de expressão para além do "laboratório que é excesso". Permanece fiel, da forma à ausência, elabora seu tecido, fruto da experiência, na imobilidade da espera de volta de Hannah. O desejo do ser ausente faz proliferar a escrita, condicionada pela situação de quem espera. Em todo homem que fala a ausência do outro, o feminino se declara: "este homem que espera e que sofre por isso, é miraculosamente feminizado, não porque é invetido, mas porque é amador, como afirma Barthes".

Nesta situação de solidão, esperar o real, que lhe vinha fragmentariamente pela tevê ou pelas cenas entrevistadas de longe pela janela permanecia insatisfatório. Resta o mergulho em seu próprio interior, na busca da identidade perdida. Vive a cisão esquizofrênica provocada pela separação. Acre-

ditada que as palavras recidivas em suas significações exauridas, ainda possam alcançar o interlocutor, mesmo quando o perde de vista. A escrita e a ponte para a volta de Hannah, nunca de sua completude. "Escrever força o núcleo da revolta contra tudo que está obstruído, dividido e acorrentado". Como ser desejante, ele sabe que o limite não é a morte, mas a mulher amada.

O resultado, porém, é a decepção. Hannah não lê o texto a ela destinado e entrega num encontro cheio de esperança. Ele volta ao manuscrito, a época estagnada, "que não produz destinos". Ainda acorrentado à ausência de Hannah, como quando começara. Seu projeto e sua escrita malogram.

Fica ainda a fenda, a falta, da condição feminina que fez gerar sua escrita. "A separação se assemelha a uma cadeia de fendas". Suas perguntas, para tentar descobrir o que não percebera: os motivos da partida de Hannah, o sentido esque-

cido das coisas, não obtém respostas. A obsessiva procura de Richard não encontra eco em Hannah que, por não ser também sujeito na relação, negou continuar essa relação cheia de equívocos e reconhecer a felicidade passada. Ela recusa retornar o fio definitivamente partido. Qual uma Sherazade destruída, o homem se reduz ao silêncio: seu narrar se cala. A sedução de sua escrita, como filtros amorosos, não funciona. Subsiste a imagem do aniquilamento, o homem, derrocado, frente a televisão, vendo o crepúsculo de um ídolo, um antigo cantor que oferece em espetáculo a própria decadência, imagem especular do narrador, como revela a contundente metáfora que fecha o relato.

Este belo e cruel romance cuja narrativa se mescla de tom ensaístico, repleto de citações — as alusões intertextuais expoe, como numa vitrine, a solidão do ser amoroso. O discurso amoroso atecido pergunta sobre o seu lugar, hoje nesta sociedade de homens parlados.

Renato Cordeiro Gomes é professor de Literatura Brasileira na UERJ e de Comunicação e Teatro na PUC-RJ.



Em Trânsito
Anna Seghers
Rio de Janeiro, Paz e Terra,
1987

DINORATH DO VALLE

O drama de centenas de pessoas semi-livres, semi-escondidas, semi-fugitivas na França quase ocupada de 1940 e o tema principal do notável romance de Anna Seghers. **Em Trânsito**, publicado originalmente em 1944, o primeiro da autora traduzido no Brasil. Imprescindível, portanto, para se ter uma idéia da seriedade de sua obra, aplaudida pela crítica por suas técnicas narrativas e incisivo conteúdo político. Nascida em Mainz em 1900, publicou Grubetsch em 1927 e no ano seguinte *A rebelião dos pescadores de Santa Bárbara*, que lhe deu Prêmio Kleist. Nesse ano filiou-se ao Partido Comunista Alemão. Foi presa em 1933 mas conseguiu fugir para o México via Paris. Em 1942 publicou na América *A sétima cruz*. Em 1947 voltou a Berlim Oriental. Em 1950 era membro do Conselho Mundial da Paz e, de 1952 a 1978, Presidente da União dos Escritores Alemães. Morreu em Berlim em 1983. Anna Seghers é pseudônimo de Netty Reiling.

Em trânsito tem magistral urdidura: o narrador é um mecânico alemão, fugitivo de um Campo de Concentração de Rouen, que em 1937 foi preso por discordar "de um monte de safadezas" e não pertencer a partidos políticos. Documentos forjados por amigos franceses lhe dão o nome de Seidler. Tenta ajudar uma inquieta moça (Marie), vislumbrada em bares e esquinas em louca procura, cuja voz soa como "uma grande extensão de terras despovoadas". E se apropria da identidade do escritor Weidler que se suicidará, herdando sua mala de manuscritos. Dorme em quartos eventuais e se alimenta de "pizzas" obtidas com o cartão de racionamento.

Nos bares de Bruxelas conta a um e a outro a saga dos refugiados e perseguidos, centralizada na de Ma-

TRAÇOS QUE NUNCA SE APAGARÃO

rio, "preciso contar essa história do começo ao fim, pelo menos uma vez".

Ajudado pela família da ex-namorada Yvonne Binnert, reencontra o companheiro de fuga Paul Strobell, perseguido por seus amigos contra Hitler. Faz parte desses "passaros que migram em bandos fugindo de um mundo que se torna insuportável". Paul usa Seidler para entregar a carta ao poeta Weidler. Esse pequeno serviço acaba revelando pontos estranhos da vida do destinatário, a traição de sua mulher e escritos inéditos. A mala está cheia de palavras, como "as que a minha mãe usava para me acalmar" para "censurar mentiras". As que usara e esquecera, as novas que usaria daí para a frente. E "um personagem que se parecia comigo", interrompido na página 300. Sente-se abandonado, traído nas páginas em branco.

Abre a carta a Weidler, contém suplicas da esposa que tem os vistos de viagem, o dinheiro das passagens e o conchama a partir. A prova é um comunicado do Consulado Mexicano. Seidler começa a circular em nome de Weidler para os vistos de trânsito e permanência. E conhece as agências de viagens, fantásticas, irreais, como um "Juízo Final instalado em qualquer fundo de tabacaria".

O México tinha um governo popular, seu Consulado em Bruxelas, aqua, cactos e espanhóis fugindo de Franco. Ali, Seidler ingressa definitivamente na contraria das "almas demissionárias. Chamo de demissionários os que abandonam suas vidas reais nos seus países de origem, nas cercas de arame farpado, nos campos de batalha espanhóis, nos cárceres fascistas e nas cidades nortistas incendiadas". É a "corrente ininterrupta de obsecados", da qual fazem parte o velho Regente da Orquestra com Caracas na mira, enfartado na última fila por duas fotografias estraviadas; O pequeno Legionário judeu-alemão de peito forrado de medalhas; o casal que teve os vistos falsos rejeitados em Cuba e regressou no mesmo navio; a Diana dos Consulados requerendo vistos para cães de cidadãos norte-americanos e ele pró-

prio, semi-atrelado aos que "so desejavam uma coisa ir-se embora. E so tinham um medo: ter que ficar." Num dia pediu o mapa-mundi num bar para localizar a Martinica. Em outro teve "as mãos de Marie entre as minhas, somente pelo maldito visto". E a constante "prestidigitação

consular" dando a sombra

Seghers escreve como um xilógrafo, deixa indeleveis sinais, traços que nunca se apagarão. Passa com eficiência a emoção e a verdade, além da "mesma alegria e o mesmo horror de algo ou vício na infância. Tipo flores-tas, lobos e feitiços antigos

Sua descrição dos consulados e de tirar fôlego: covis povoados de "duendes balobos, perdidos ou atávicos, esquadrinhando arquivos com patinhas nacaradas

Em trânsito é um vertiginoso e kafkiano livro sobre os labirintos das mudanças, mudar e uma forma minuciosa de se buscar aquilo que sempre permanece. "As vezes sob o Mistral" que tenta arrancar os olhos das pessoas. A boa tradutora e Mariana Lisboa

Dinorath do Valle e escritora e jornalista

Nosso ativo aparelho torturador. Até quando?

I Seminário do Grupo Tortura Nunca Mais
Branca Eloya (org.)
Petrópolis, Vozes, 1987

SANTAMARIA SILVEIRA

O I Seminário do Grupo Tortura Nunca Mais, realizado em 85, virou livro. Hoje, a situação melhorou. A Comissão de Sistematização da Constituinte já aprovou: no Brasil, a tortura é crime, inafiançável, imprescritível de graça ou anistia. Mas isso não termina com o drama dos 138 desaparecidos políticos no Brasil, levantados pela comissão do Conselho da Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), ligada a OAB. Eles são a prova de que a "tortura continua, a tortura dos desaparecidos, crucificando seus entes queridos" como observou o Frei Leonardo Boff no seminário.

A tese defendida pelo Grupo Tortura Nunca Mais, uma das poucas unanimidades nacionais, aponta a tortura como crime comum, que precisa ser esclarecido. Para rebater a cobrança de solução da tortura e morte de centenas de pessoas, os amigos da ditadura sacam o revanchismo, que mereceu uma resposta exemplar do advogado Herman Assis Baeta: "Revanchismo é torturar o torturador. E não é isso que se quer".

Os números da tortura brasileira foram fornecidos pelo reverendo Jaime Wright, que falou do "Brasil, Nunca Mais". Esse projeto conseguiu montar um acervo dos processos políticos da Justiça Militar, uma biblioteca com mais de 10 mil publicações que serviam de provas nos processos, além de catalogar 283 pro-

cedimentos diferentes de tortura: o nome 444 torturadores e de 242 localidades onde a tortura foi utilizada como instrumento para a manutenção do Estado.

Durante o seminário, o advogado Laércio Laurelli tocou numa questão fundamental: o Brasil não possui mortos políticos, mas desaparecidos e sequestrados. "Não nos interessa que alguma autoridade, para aplacar os seus interesses, venha agora nos dizer: 'Olha, ali está a cova, ali está a sepultura do seu ente querido'. Não. Não está. Aquilo são ossos, nada mais que ossos. Eu quero saber a causa, por que sequestraram o meu ente querido, por que entraram na minha casa e levaram meu ente querido. Por quê?" Só a partir do momento que as autoridades emitirem a certidão de óbito, será possível iniciar o inquérito policial para apontar o torturador, pois é necessário ter a vítima para apontar a autoria.

No livro, também são fundamentais as associações da filósofa Marilena Chauí. Para ela, a Revolução Francesa e o golpe de 64 têm suas diferenças e semelhanças. No primeiro caso, apontou que a da França era uma revolução mesmo e a do Brasil apenas a preservação da ordem vigente através da violência. Nas duas, porém, as "personagens metafísicas invocadas eram semelhantes: o povo, a nação, a liberdade, a propriedade, a pátria." Chauí comparou também o golpe de 64 ao terror e ao nazi-facismo, dos quais utilizou dois recursos: a destituição pública de lideran-

ças e grupos políticos conhecidos da população e a delação secreta para a intimidação da sociedade em seu todo. Instaurou a polícia como substituto da política.

O jornalista Cicero Sardonio durante o seminário fez uma afirmação atualizadíssima: "Alguém neste auditório dúvida que muitas pessoas, neste momento, estão sendo torturadas no Brasil?" A prova mais cabal disto ocorreu em São Paulo, onde o Grupo Anti-Sequestro (GAS) distribuiu choque elétrico, pancada e pau-de-arara aos implicados no sequestro do banqueiro paulista Antonio Beltran Martinez. Até a filha de 13 anos de Velia Angélica, uma das indiciadas, foi ameaçada de estupro e morte para pressionar a mãe a confessar. O GAS foi extinto e os acusados liberados por falta de prova. Porém, fica o alerta do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh: os torturadores foram recolocados nos aparelhos comuns e já aconteceram em São Paulo dezesseite casos de desaparecimento de pessoas.

A parte mais leve do livro fica por conta dos depoimentos ligados à Música Popular Brasileira. Chico Buarque, por exemplo, falou sobre o Julinho da Adelaide, pseudônimo que usou para fugir da censura. "Julinho" compôs duas obras-primas: *Acorda Amor*, música que propõe chamar o ladrão quando "os homens" chegaram, e "Você não gosta de mim, mas sua filha gosta?", numa alusão dos policiais que depois de prenderem, sempre pediam um autógrafa para a filha. Por causa desse artifício, ficou proibido usar pseudônimo no Brasil daqueles tristes tempos.

OS SENTIDOS DA PAIXÃO

PAIXÃO: CONCEITO, VIVÊNCIA E CONSUMO

Os Sentidos da Paixão
Marilena Chauí e outros
autores. São Paulo,
Funarte/Companhia das
Letras, 1987.

SILVIA CINTRA FRANCO

Para os incautos que se debruçam sobre este **Sentidos da Paixão** buscando alívio para suas dores recolhidas e soluções para suas indagações secretas, há que se dizer que nem alívio nem solução, encontrarão caminhos e rotas, apenas.

Mais de mil e quinhentas pessoas se mobilizaram para assistir à esta coletânea de conferências promovidas em curso livre pela Funarte, agora publicadas. São palestras dadas por filósofos, psicanalistas, críticos de arte e de literatura sobre o tema **paixão**, esta afecção da alma ou unha engravada na imperfeição/incompletude dos seres deste mundo. Entre tantas e tão boas conferências, escolhemos comentar "O Conceito da Paixão" (Gerard Lebrun), "Lou Andreas-Salomé: a Paixão viva" (Luzilá Gonçalves Ferreira) e "A Psicanálise e o Domínio das Paixões" (Maria Rita Kehl). Por que essas e não outras? Porque a esta severina das letras, cabem-lhe apenas cinco laudas de linhas medidas e vale conhecer a discussão filosófica de Lebrun sobre pathos & responsabilidade; ouvir o que Lou tem a declarar sobre o amor e Maria Rita Kehl sobre o consumismo.

Gerard Lebrun no seu excelente "O Conceito da Paixão" recorda o sentido etimológico da paixão como pathos, passividade que, segundo

Aristóteles, é próprio dos seres ontologicamente imperfeitos, passíveis de movimento. E não sem razão ele incluiu em sua **Retórica** um tratado das paixões. Afinal, o que o orador, palanqueiro ou não, busca é "jogar com impulsos emotivos e convencer não só por argumentos, mas principalmente, pelos impulsos afetivos que movem, "apaixonam" as massas e eleitores... É importante discutir o "crescente deslocamento de condutas do território da ética para o da terapêutica". Lebrun analisa o conceito de paixão do ponto de vista aristotélico e do estoico. Será o ser humano vítima de suas paixões, incapacitado de reagir a elas ou não? Para Aristóteles, "esses movimentos da alma são um dado da natureza humana e não se trata de extirpá-los nem de condená-los.

Um homem não escolhe suas paixões. Ele não é, então, responsável por elas, mas somente pelo modo como faz com que elas se submetam à sua ação". A "virtude" aristotélica se funda na possibilidade do ser humano de poder regular a intensidade de suas paixões. É esta a ética aristotélica. Uma ética mais do **savoir vivre**, da elegância (e para quem a paixão é suscetível de ser educada). Daí que Hegel declare que "a paixão é o que dá estilo a uma personalidade".

No entanto, como Lebrun alerta, o conceito de pathos

encontra-se hoje alterado. Não só está limitado à idéia de paixão amorosa como também a uma interpretação legislativa do logos que nos leva a pensar a paixão como um fator de desvario e deslize: portanto, perigosa.

O atual conceito ressentese de certa inspiração estoica, em que "todo comportamento do indivíduo tem suas raízes nas pulsões, cuja origem e natureza ele ignora; a paixão, então, só pode ser um elemento **estranho** em mim, e não se trata mais de integrá-la na minha vida, mas somente de submetê-la a um tratamento que a enfraquecerá".

Há um risco de consequências imprevisíveis quando se considera a paixão como involuntária, patológica e se retira do indivíduo largas parcelas de sua responsabilidade. Estamos menos inclinados a culpabilizar o apaixonado, por considerá-lo doente. E Lebrun afirma: "a medicina ocupa cada vez mais o lugar da ética; a noção do desvio, do erro; e a cura, o do castigo". Acaba-se ficando na base do "ninguém é mau voluntariamente". Resta perguntar se a contrapartida também vale: ninguém é bom voluntariamente...

De qualquer modo, convém que as teóricas do feminismo ponderem com cuidado o conceito de paixão. Qualquer deslize, e muito machão vai se sentir justificado e **muita mulher vai continuar a sofrer violência**. Em nome das mais diversas e "irreprimíveis" paixões: a da honra, a do amor e até a "fame"lica", em que a vítima apanha porque o jantar não está pronto...

São poucos os estudos e publicações feministas que se ocupam de Lou. E também são raros os seus biografos imparciais. Segundo Luzilá, eles a apresentam geralmente, como "uma grande devoradora de homens, um Don Juan de saias" (Alexandre Dumas, *entre outros escritores, o foi de mulheres, mas ninguém se lembra disso ao comentar suas obras*) ou como "aproveitadora" por ter vivido ou convivido com homens como Rilke, Nietzsche e Freud.

A paixão em Las é uma novidade para o "universo feminino". Para uma mulher que escreveu a si própria: "a vida te dá poucos presentes, acredita: se queres uma vida, é preciso que a roubes" e "o egoísmo (...) é indispensável a cada um para se afirmar na vida": não é de espantar a reação apaixonada e apolítica de seus biografos. E, em relação à paixão amorosa, ela oferece uma sábia sugestão: "a fusão inteira do nosso ser com o outro, por mais querido que seja, não seria desejável. É preciso que sejamos cada vez mais nós mesmos, para poder ser um mundo para o outro". Para LAS, amor e paixão existem, mas não segundo o figurino patriarcal prescrito às mulheres: "o amor é uma ocasião sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo por si mesmo, tornar-se um mundo para si, por causa de um outro ser".

Maria Rita Kehl alerta em sua conferência que "a civilização do séc. XX-XXI está substituindo a paixão (o senso da falta) por uma infinidade de objetivos (consumismo) que impedem o con-

tato com a falta e com o outro. E se acaba desembarcando no narcisismo, no consumismo, na procura do, igual ou quase igual. Infelizmente, não há espaço para comentar mais profundamente a paixão segundo a psicanálise. Sua leitura entretanto, é obrigatória. A lamentar, o final um tanto apocalíptico. A conferencista declara que "toda essa energia que não toma suas formas apaixonadas, nem suas formas sublimadas, se volta para o ego, o enamoramento estéril de cada um por si mesmo ou pela cópia mais parecida possível", o que leva ao "rebaixamento das energias vitais", "da alegria erótica de viver e ao "sintoma do fim deste século: a Aids". É perverso, quando não presunçoso e pouco científico apontar a AIDS como resultante de situações sociais, comportamentais, etc. Males de fin-de-siècle sempre houveram (e seus arautos também): a peste, a escarlatina, a tuberculose e seus "correlatos" sociais como o romantismo exacerbado, a moral vitoriana etc. Talvez, consumismo e Aids sejam os nossos males de fin-de-siècle. Mas não há porque relacioná-los aprioristicamente, seus fundamentos científicos, na base de achismo, que seja mesmo numa conferência onde se pode ser tentada a jogar com os impulsos afetivos da platéia...

Silvia Cintra Franco é escritora e coordenadora da área de cultura do Conselho Estadual da Condição Feminina-SP.

19
Mulherio
Dez 87

ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDE REÇO?
Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Est. _____

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____
Endereço: _____
Cep: _____ Cidade _____ Est. _____
Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____
Telefone: _____ Profissão: _____

VÁLIDO ATÉ 31.12.87

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal Cz\$ 300,00 - América Latina US\$ 18,00 - Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

SOS - Corpo:

Abrir os olhos dos profissionais da área de saúde e conscientizar as mulheres — especialmente as da periferia — sobre tudo que envolve seu corpo e bem-estar é o objetivo do SOS — Corpo do Recife, que sobrevive graças ao apoio de instituições financiadoras estrangeiras há sete anos.

O trabalho didático de ensinar feminismo e saúde

PAULA MAGESTE

O desejo de mudar a postura do profissional da área de saúde em relação à mulher e comum a todas as entidades que se propõem a discutir a questão da saúde e da sexualidade feminina no Brasil. No Recife, o SOS-Corpo vem desenvolvendo um trabalho de pesquisa, documentação e produção de material didático há sete anos ininterruptos, tendo no rol de suas atividades a assessoria ao Ministério da Saúde por ocasião da implantação do Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Paism).

O SOS-Corpo do Recife foi fundado em 1980 por oito mulheres que atuavam no movimento feminista, a partir da apresentação da peça *Vida de Mulher* e da formação de grupos de auto-exame e reflexão. "A peça era composta por sketches que retratavam cenas do cotidiano. Depois da apresentação, marcava-se grupos de discussão sobre temas que as mulheres escolhiam dentre o que a peça sugeria: saúde, educação sexual e sexualidade", conta Angela Freitas, uma das fundadoras do SOS e coordenadora do Núcleo de Produção de Material Didático e Documentação. "Nessa época, começamos a produzir cartilhas para o trabalho com as mulheres de periferia", continua.

Conscientização: Primeira etapa

Institucionalizada desde 1982, a entidade conta hoje com nove integrantes, sete das quais participantes da fundação. "Embora haja uma divisão hierárquica, ela é puramente formal. As decisões são coletivas e fazemos um trabalho de politização, informação e conscientização em torno das questões ligadas à saúde da mulher. Discutimos Constituinte, violên-

cia, saúde dental e tentamos ações políticas mais diretas como a organização e participação em eventos", diz Angela.

O SOS Corpo é responsável atualmente pela coordenação de uma pesquisa sobre aleitamento materno em Pernambuco, parte de um projeto desenvolvido em todo o Brasil pelo Centro Brasileiro de Pesquisa (Cebrap). Seu primeiro trabalho nessa área foi sobre a "Esterilização feminina voluntária: causas e condições no Recife", que gerou um relatório e um programa de vídeo (*Tá ligada nessa?*). Depois, o SOS - Corpo estudou as causas e condições do aborto provocado na Grande Recife.

A terceira pesquisa foi referente à vigência da sexualidade entre adolescentes, o aprendizado e as primeiras experiências, desembocando num áudio-visual: o *Pintando Sexo*. O quarto trabalho intitulava-se *Contracepção: mulheres e instituições* e propiciou a produção de um programa de vídeo para cada método contraceptivo.

O uso do diafragma entre cinquenta mulheres de periferia foi o tema da quinta pesquisa do SOS - Corpo, com o objetivo de avaliar a eficácia desse dispositivo a partir da experiência prática dessa população e também de formular um relatório e um roteiro de vídeo, já em curso. A sexta pesquisa, em conjunto com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), trata das condições de atendimento à mulher na rede pública.

Rediscutir a Mulher

Na área de produção de material didático, o SOS-Corpo do Recife tem elaborado cartilhas e áudio-visuais, utilizados nos grupos que acompanha na periferia e nos trabalhos de treinamento de pessoal ligado à saúde in-



clusive, quando a entidade assessorou o Ministério da Saúde na implantação do Paism, foi produzido material educativo especial junto com o Instituto de Ação Cultural (Idac).

Segundo Angela Freitas, a atuação na área institucional é fundamental, pois "o trabalho de treinamento e monitoria a profissionais de saúde possibilita rediscutir a mulher na sociedade e tentar redefinir as formas de ação desses profissionais".

Além do treinamento de pessoal que já trabalhava na rede pública de saúde para integrar o Paism, o SOS-Corpo lida também com pessoas de outras instituições e bairros, a fim de "repassar as técnicas, reflexões e metodologias". Nesse caso, o trabalho dura cinco dias inteiros, enquanto o treinamento para o Paism foi feito mais rapidamente, no Instituto Materno-in-

fantil de Pernambuco (Imipe), ponto de referência do Plano no Nordeste.

O setor de documentação está em fase de organização, mas conta com livros, periódicos, documentos, folhetos, cartilhas e fotos. Sua finalidade é reunir todo tipo de material sobre saúde da mulher e movimento feminista para consulta externa.

Como é de praxe em toda entidade feminista do País, o SOS-Corpo não conseguiu apoio financeiro do governo brasileiro ou de qualquer outra entidade nacional. O financiamento ficou por conta da EZE, instituição governamental alemã que incentiva projetos de promoção social no Terceiro Mundo, da Pão para o Mundo, também alemã, e da Novib, holandesa. O endereço do SOS-Corpo do Recife é Rua do Hospício, 859/14, 50050, Recife, PE.

O que você está querendo dizer?
Seja mais clara(o)...
ou chame-nos
A gente redige,
traduz e revisa seu texto

Revisão
Copidesque

Tel. 815 3645

**galeria
de arte e
molduras**

Linha completa de molduras em madeira, laca, alumínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S. Paulo: Tozzi, Volpi, Tomie, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fayga, Mabe, Charoux, Burle Marx fazem parte da nossa coleção.
R. Artur de Azevedo, 2102 — Fone: 815 7786 — Pinheiros — S. Paulo

BRASIL

Informação - MULHER, n.º 1, ano I, setembro de 87, Campinas São Paulo Boletim informativo mensal do SOS/Ação, Mulher destaca o trabalho que vem desenvolvendo com as mulheres que sofrem a violência doméstica e que precisam encarar a separação judicial. Há também uma matéria sobre as dificuldades enfrentadas pela Prefeitura de Campinas frente a invasão de quase trinta famílias rurais expulsas de suas terras em propriedades destinadas à construção de escolas na região. O boletim pode ser obtido no SOS/Ação-Mulher, Avenida Orozimbo Maia, 595, Campinas - CEP 13.100

Mulher '87, n.º 3, maio/junho de 1987, Centro Nacional Bertha Lutz - Assistência, educação e promoção da mulher e da família, Rio de Janeiro. O forte do editorial, assim como de grande parte desta edição, é a questão das políticas de planejamento familiar e controle da natalidade, assim como outro ponto fundamental na luta pela emancipação feminina: o trabalho. O endereço para maiores esclarecimentos é: Rua Santo Afonso, 110, grs. 605/606, Tijuca Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.511.

Jornal da Mulher, n.º 5, agosto de 1987, Conselho Nacional da Condição Feminina, Curitiba. No editorial, a vereadora Marlene Zanin, presidenta do CMCF de Curitiba, falou do caráter conservador da Constituinte e ressaltou a necessidade de continuarmos pressionando para a consecução de avanços legais no que toca a mulher. O destaque da edição é a publicação dos direitos e liberdades fundamentais, elaborados pela Comissão de Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher. Correspondência: CMCF, Rua Claudino dos Santos, 108, Largo da Ordem Curitiba, Paraná.



CHILE

ISIS International, Rede de Saúde das Mulheres Latino-americanas e do Caribe, Boletim 11 e 12. Trata-se de uma edição especial, dupla, deste boletim mensal. Em destaque, está o V Encontro Mundial da Mulher e Saúde ocorrido em maio na cidade de São José, na Costa Rica, com um relatório das principais questões discutidas. Há também uma matéria de orientação e prevenção do câncer nos seios, escrita em cinco páginas e repleta de ilustrações educativas. Para obter este caderno especial que agrupa os principais acontecimentos mundiais em termos de saúde da mulher entre os meses de março e junho deste ano, escreva para ISIS International, Via San Saba 5 - 00153 Roma, Itália ou ISIS International, Casilla 2067, Correo Central Santiago, Chile.



Mujer fempress, edição especial, Unidade de Comunicación Alternativa de la Mujer, Chile. Os números especiais aparecem quatro vezes por ano, a partir da necessidade de complementar um trabalho informativo a respeito de um tema específico. Este é sobre a mulher indígena, trazendo recortes de diversos países da América-Latina, abrangendo diferentes aspectos complementares da realidade indígena. A contribuição brasileira se dá através de dois artigos do *Mulherio*, um da revista *Mulher e Saúde* (Editora Abril), e outro da *Mulher e Libertação*. O endereço para correspondência é: Casilla 16-637, Correo 9, Santiago, Chile.

COLÔMBIA

La Deuda Externa y La Crisis Económica - Como nos afecta a nosotras las mujeres, maio de 1987, Equipo de Trabajo com Organizaciones de Mujeres de Sectores Populares/Taller de Recursos para la Mujer, Bogotá, Colômbia. A revista é fruto de uma série de encontros realizados em 1985 e 1986, quando grupos de colombianas se reuniram para discutir a questão da dívida externa e suas influências na vida das mulheres.

Cada encontro durou três dias e meio e teve como ponto de partida o sentimento e a realidade cotidiana de cada participante. O início das discussões centrou-se no que se passou das mulheres como ponto de partida para a atual situação. Após terem reunido 810 mulheres nesse encontro, as coordenadoras constataram dados interessantes acerca da organização familiar: uma alta porcentagem de mulheres é chefe de família, o que faz cair por terra a estruturação clássica da família nuclear, onde o homem trabalha e sustenta a esposa e os filhos. Foi possível encontrar na crise econômica e na dívida externa as raízes de distúrbios que vão além do âmbito financeiro - aumento dos índices de alcoolismo, drogas, delinquência, violência psicológica e sexual. Taller de recursos para la Mujer, Apartado Aéreo 58308, Bogotá, Colômbia.



COSTA RICA

Mujeres, n.º 1, maio/junho de 1987, Servicio Especial de la Mujer Latinoamericana (SEMLA/IPS), São José, Costa Rica. Este boletim bimestral publica informações recolhidas por 29 correspondentes da América Latina através da Inter Press Service (IPS) e elaboradas por jornalista de outras redes de informação femininas, igualmente vinculadas à IPS. Os destaques desta edição são os artigos da Nicarágua (A Mulher se Revela contra os Maus Tratos Masculinos), Honduras (Trabalhadoras domésticas vivem escravidão tolerada), Colômbia (O machismo também causa menor rendimento escolar nas meninas), Cuba (Primeiro transplante de tecidos realizado por uma mulher), Equador (A cada 40 horas uma mulher é violada na Capital) México (Cria a primeira secretaria estatal da Mulher), SEMLA/IPS: Apartado Postal 70, Paseo de los Estudiantes, San José, Costa Rica.

NICARÁGUA



Mujeres del continente contra la Intervención, n.º 5, agosto de 1987, Frente Continental de Mujeres (FCM), Nicarágua. Este número, editado em inglês e espanhol, destaca o 8º Aniversário da Revolução Popular Sandinista, comemorado em 19 de julho. Fala ainda da organização e das perspectivas da FCM no Peru e da condecoração da comandante Doris Tijerino, presidenta da Frente, por ocasião do Congresso Mundial de Mulheres, realizado em Moscou. FCM: Apartado Postal 847, Managua, Nicarágua.



INGLATERRA

Wiser Linds, n.º 11, maio/junho de 1987, Women's International Resource Center, Inglaterra. Este número traz artigos sobre a atual situação das mulheres chilenas e a emergência de uma Força Armada Popular; sobre o Congresso a ser realizado em Berlim Oriental com a participação do FMI e do Banco Mundial, as implicações da crise financeira mundial na vida das mulheres; as mulheres palestinas, a pornografia como propaganda contra a mulher e seus direitos; mulheres e Aids; e saúde das mulheres na África do Sul. O endereço é: NEWSLETTER? W I R C, 173 Archway Rd., London N6 5BL.

Feminist Library Newsletter, n.º 3, julho/agosto de 1987 Inglaterra. Esse jornal é uma iniciativa do Centro de Informação e Biblioteca Feminista, que trabalha em prol da facilitação da informação em campos e assuntos de interesse da mulher e do Movimento de Libertação das Mulheres. Em cada edição, um dos jornais que pertencem à coleção de periódicos do Centro tem uma matéria recentemente reproduzida integralmente. Além disso, o jornal apresenta resenhas, lista de eventos, contatos e cursos de interesse feminino. O preço da assinatura varia entre 2 e 9 libras, de acordo com a renda, instituições ou pessoas de alta renda pagam 15 a 20 libras. O endereço para maiores informações é: Hungertord House, Victoria Embankment, London WC2N 6PA, England.

USA

Conscience, n.º 3, maio/junho de 1987, Catholics for a Free Choice (CFFC), Estados Unidos. Boletim informativo de 24 páginas em inglês que traz em destaque uma matéria sobre a igreja militante e o seu campo de atuação na América Latina. Há também, um artigo a respeito da intervenção do Vaticano na questão da reprodução humana e no advento das novas tecnologias reprodutivas. Na contracapa, uma entrevista especial com Janet Ruiz, chilena de 24 anos, sobre a conversa que teve com o Papa em sua audiência com os pobres de Santiago. Catholics for a Choice, 2008 17 th Street NW, Washington, DC 20009.

SUIÇA

Women's World, n.º 14, junho de 1987, Women's International Cross-Cultural Exchange (WICCE), Suíça. A publicação aparece quatro vezes por ano e focaliza as ligações entre a situação das mulheres em países industrializados e em desenvolvimento sob uma perspectiva feminista. A saúde foi o tema preponderante nesta edição, por influência da "5ª Conferência Internacional sobre Mulheres e Saúde", realizada em São José, Costa Rica, de 23 a 28 de maio deste ano. A constatação, comum a maioria das participantes, foi de que a saúde é uma questão essencialmente política. O endereço do ISIS-WICCE é: P.O. Box 2471, 1211 Genebra 2, Switzerland.



Congresso das advogadas: começa a mobilização

Cerca de 1500 mulheres reuniram-se em São Paulo no 1º Congresso Estadual da Mulher Advogada nos dias 12, 13 e 14 de novembro, com o objetivo de valorizar a atuação profissional, discutir a discriminação sofrida pela categoria, bem como abrir um novo espaço feminino dentro da Ordem dos Advogados do Brasil. Coordenado pelas conselheiras da seccional de São Paulo, Norma Kyriakos e Maria Angela Berloff, o evento contou com 40 mil advogadas inscritas, que participaram dos doze encontros preparatórios realizados em algumas cidades do interior do Estado, entre os meses de agosto e outubro, onde foram levantadas as principais reivindicações apresentadas pelas advogadas presentes neste encontro de capital.

Os debates foram divididos em três painéis, onde foram apresentadas e votadas nove teses referentes, entre outros temas, a condição de mulher no exercício da profissão de advocacia e à luta pela conscientização social e jurídica da mulher. Várias propostas foram também levantadas pelas advogadas participantes e posteriormente submetidas à vota-

ção. No painel **Condição de Mulher**, as propostas levantadas referiam-se à maternidade como responsabilidade social, a criação da licença paternidade, a revisão do instituto do pátrio-poder, a equiparação dos direitos previdenciários, a responsabilidade das advogadas na elaboração da legislação ordinária com referência ao Código Civil, Penal e a legislação trabalhista e previdenciária.

O segundo painel, cujo tema foi o **Exercício Profissional**, destacou as propostas que enfocavam o trabalho de conscientização da advogada frente a sua cliente, no sentido de não assumirem uma postura de inferioridade perante à Justiça, a importância de uma visão mais progressista por parte das advogadas militantes nos casos de Família e a reestruturação do ensino de Direito em todo o País. O terceiro e último painel apresentado no encontro tratava das **Dificuldades Diante da Atual Legislação e Jurisprudência no Tratamento à Mulher** e trouxe como principais propostas das mulheres advogadas o incentivo às campanhas de valorização da mulher, a representação feminina em todas as comissões internas



Cerca de 1500 advogadas estiveram presentes ao Congresso.

Cida Souza

das nos órgãos representativos e nos movimentos civis. Por fim, a votação acabou por viabilizar a implantação do órgão, o que agradou a coordenadora do evento, Norma Kyriakos, que não se abalou com os discursos contrários à idéia, afirmando ser "previsível que algumas poucas pessoas, sob pretexto de uma igualdade que ainda não existe, tentassem impedir a abertura de um espaço para as próprias mulheres advogadas".

No entanto, a deputada constituinte Benedita da Silva, que compareceu ao evento e comprometeu-se a levar as propostas aprovadas pelas advogadas a bancada no Congresso Constituinte, mostrou-se surpresa com as forças contrárias à criação do órgão: "a implantação da OAB-Mulher vem para reforçar o papel das advogadas junto à mobilização popular e a lutar por lei mais coerentes com a nossa realidade. O trabalho das advogadas é de suma importância na medida em que precisamos de pessoas que tenham o verdadeiro conhecimento jurídico para poder mudar nossa condição social".

da OAB, a necessidade de denúncia de todas as situações de opressão ao abrigo da legislação vigente e a criação imediata de um departamento interno da OAB-SP, voltado especificamente para os direitos da mulher e a valorização da atividade profissional das advogadas; a QAB-Mulher, considerada como proposta de maior relevância entre todos os encontros preparatórios.

Até o último dia de debates, as opiniões ainda mostravam-se divergentes quanto ao novo departamento feminino da OAB. Enquanto um grupo de advogadas temia uma divisão no relaciona-

mento entre homens e mulheres da categoria, dando origem a um gueto feminino no interior da Ordem dos Advogados, outras participantes defendiam a idéia como sendo vital para a participação mais ativa das advoga-

Empregadas domésticas fazem reivindicações

A Associação Profissional de Empregados Domésticos de São Paulo elaborou um documento contendo as principais reivindicações trabalhistas da categoria, que foi entregue ao deputado Nelson Carneiro, no dia 12 de agosto, no Congresso Constituinte em Brasília.

Mais de 10 mil assinaturas de apoio às propostas foram obtidas, através de um trabalho de mobilização feito pelas mais de 1.800 associadas da entidade, nos últimos meses. Segundo Imaculada Conceição Gomes, uma das integrantes da Associação, as principais reivindicações, baseiam-se na obtenção de um piso salarial, do aviso prévio de trinta dias, do 13º salário, do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

(FGTS), da implantação da jornada de trabalho e no cumprimento dos demais direitos previdenciários e trabalhistas incluídos na CLT.

Trabalhando há nove anos na Associação, que completou seus 25 anos de atividades, Imaculada afirma que através da organização, os empregados tiveram um avanço no relacionamento profissional com as donas de casa e a profissão valorizada. No entanto, segundo Imaculada, a luta por melhores condições de trabalho não terminou: "Queremos os mesmos direitos que os outros trabalhadores e vamos fazer pressão para que nossas reivindicações sejam aceitas em Brasília. Estamos, inclusive, planejando realizar um Congresso Estadual da categoria em 89".

Brasileiras preferem a esterilização

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o responsável por uma pesquisa sobre os métodos anticoncepcionais mais utilizados pelas brasileiras. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) constatou que predomina no Brasil a esterilização cirúrgica ou laqueadura. Segundo os dados levantados 27,2% das brasileiras casadas já se submeteram à operação e, se for conside-

rado o total de mulheres em idade fértil, o índice passa para 16,6%.

A pesquisa foi realizada em todo o País, a partir da visitação a 90 mil domicílios ou 500 mil pessoas, e demonstrou também haver desinformação sobre os demais métodos contraceptivos, uma vez que nas regiões mais privilegiadas o índice de esterilização é mais baixo.

De acordo com outra pesquisa, desenvolvida pela Sociedade Civil Bem-Estar Familiar do Brasil (Bemfam), a esterilização é feita em mulheres na casa dos 30 anos, ocorrendo em 23,6% dos casos em que elas já têm dois filhos e em 47% depois da terceira gestação. A justificativa das mulheres que se submetem a esterilização são duas: o número de filhos já é suficiente (37,%) e por motivos de saúde (43,6%).

VIVA A AMÉRICA LATINA.

Viva as belezas naturais, o povo e a cultura dos países latinoamericanos. Roteiros para Cuba, Nicarágua,

México, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina etc. Participe dos congressos de 1988

do Palácio das Convenções de Havana. Solicite nosso programa de eventos.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

Porto da Barra
TURISMO LTDA.

José G. Freitas



Boneca gigante em passeata com as trabalhadoras rurais na Paraíba

TRABALHO FEMININO: ESTUDO DO CNDM

Com o objetivo de fornecer uma série de informações e dados a respeito da situação da mulher frente ao mercado de trabalho brasileiro, além de analisar a legislação trabalhista vigente, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) lançou uma série de quatro cartilhas com diferentes estudos e pesquisas sobre o tema.

ma Mulher & Trabalho.

O primeiro caderno, intitulado Trabalho da Mulher: repensando a realidade, traz um panorama da atuação da mulher no mercado de trabalho formal e informal, com uma série de estatísticas relativas à participação das mulheres na população economicamente ativa. No segundo caderno, denominada

do Mulher e Trabalho: suas reivindicações na última década (1976-1986), o destaque fica para as reivindicações trabalhistas propostas pelas mulheres desde 1976 até 1986.

O terceiro número da série, Legislação Trabalhista: limitações e conquistas, compara a legislação trabalhista brasileira com a de outros países, com enfoque para as cláusulas referentes ao trabalho da mulher. E o último caderno da série, A Legislação e o Trabalho Feminino: um estudo comparado, traz uma análise histórica da legislação específica sobre a mulher trabalhadora brasileira, bem como a atuação da CLT e a legislação relativa à igualdade entre os sexos no trabalho instituída em outros países.

Sector de Atividades	1980	1985
Prestação de Serviços	3.975	5.711
Atividades Sociais(*)	2.121	3.436
Agricultura	1.610	3.276
Indústria	1.783	2.208
Comércio	1.110	1.855
Administração Pública	368	592
Transporte e Comunicação	139	149
Outras Atividades	396	544

(*) medicina, odontologia, ensino etc.

MAIS VIOLÊNCIA IMPUNE

Se quiser contratar um pistoleiro, é só discar 851. A frase é do humorista Chico Anísio, mas tem um fundo de verdade. O número é o prefixo telefônico da cidade de Santa Inês, de 70 mil habitantes, a 250 quilômetros de São Luís, Maranhão, discreta em seu tamanho, mas famosa pela violência.

Santa Inês é o paraíso do tráfico de carros e da grilagem, sendo alvo de muitas ações da máfia. Assis Pinto, ligado a essa organização — e um de seus cabeças na região —, foi morto há algum tempo em meio a uma onda de assassinatos, roubos e disputas entre quadrilhas, que teve seu ápice em 1983.

No dia 3 de março de 1985, o corpo de Maria de Fátima Rodrigues da Silva, 20, grávida de dois meses, foi encontrado no quarto número 10 da Pousada São Pedro em Santa Inês, apresentando sinais de morte violenta e já em estado de decomposição. O assassino, Nivaldo Mourão Rocha de Souza, filho do vereador Paulo Afonso, havia abandonado o hotel no dia anterior, após deixar um bilhete ao lado do corpo de Fátima: "Vera e Dona Antônia (Bita) — olha o resultado do que vocês fizeram mandar ela sair de mim. Mas nunca ela engana homem. Bem que Paulo Afonso falou. Adeus Nivaldo".

Fátima e Nivaldo começaram a namorar em 1984, quando ela estava grávida de cinco meses de outro ra-

paz. Nivaldo sabia e disse que assumiria a paternidade da criança. Paulo Afonso não admitia a união e pressionava para que se separassem, chegando, inclusive, a persegui-los. Depois de viverem algum tempo em São Luís, fugindo do pai de Nivaldo, voltaram a Santa Inês, quando o rapaz começou a praticar atos violentos de toda espécie.

No sábado de Carnaval de 1985, Nivaldo, depois de prometer matar Fátima caso ela o deixasse, teve um acesso de violência e a espancou, deixando-a desacomodada no meio da rua. Em seguida, foi à casa da mãe de Fátima, Antônia, e sequestrou sua filha de quatro meses, devolvendo-a apenas três dias depois. Fátima resolveu então que não deveria mais viver com Nivaldo.

No dia 2 de março do mesmo ano, Nivaldo hospedou-se na Pousada São Pedro, indo em seguida à casa da mãe de Fátima para devolver algumas coisas. Pediu a Fátima que fosse ao hotel apagar o restante. Ela, sem saber, caminhou para morte.

O caso de Fátima chegou a julgamento por causa da mobilização da população, que através do Comitê dos Amigos de Fátima e da União Provisória de Mulheres de Santa Inês organizou uma passeata no dia 09 de março e palestras. Os políticos se abstiveram de qualquer pronunciamento, à exceção do prefeito, José

Franklin Sebe, e do pai de Nivaldo, o vereador Paulo Afonso, que iam às casas dos componentes do júri para ameaçá-los ou cobrar favores. Eles se encarregaram, também, de percorrer as emissoras de rádio da região para impedir que se divulgasse o caso.

Após o crime, Nivaldo desapareceu da cidade e, ao voltar, respondeu ao inquérito policial em liberdade, aproveitando o tempo livre para por em dia seus compromissos sociais e provocar a família de Fátima. No dia do julgamento, 17 de novembro deste ano, o advogado de Nivaldo, Edmilson Gonçalves, genro do prefeito, vereador de Santa Inês e assassino absolvido por jurados ameaçados, apresentou um atestado de que o rapaz estaria com problemas mentais, sofrendo de forte depressão, e, por isso, não compareceu ao Cine-teatro São Luís, onde o julgamento era realizado. A juíza indeferiu o documento e decretou a prisão preventiva de Nivaldo, que ainda não foi encontrado.

Os grupos de mulheres que se mobilizaram em Santa Inês em torno do "Caso Fátima" estão contatando entidades feministas de outras regiões, solicitando que mandem telegramas ao promotor e à juíza pedindo a condenação de Nivaldo e a confirmação da idoneidade dos jurados. (P.M.)

Romulo Faldini



Cocar com triângulo azul: obra de Anna Bella

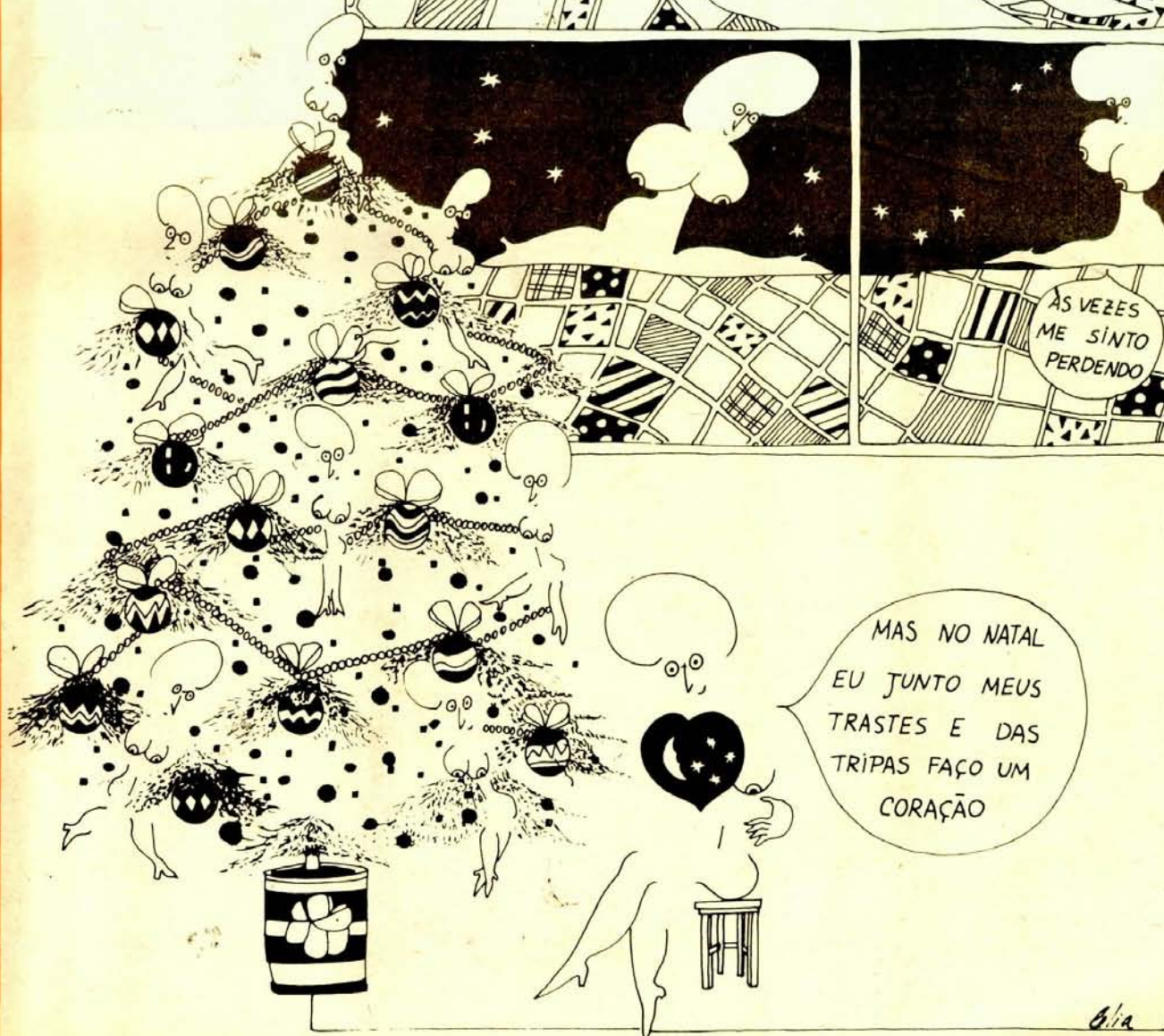
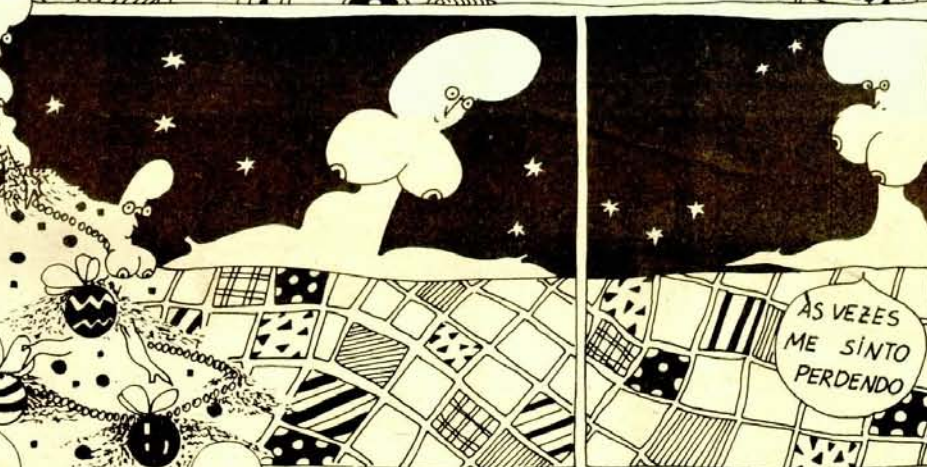
Uma pintora como poucas

Pintar, como qualquer ato de criar, é um exercício de poder. O poder, historicamente sempre foi um ato masculino. Será esta a explicação para a existência de tão poucas artistas plásticas no mundo? Não é fácil tentar lembrar um nome de mulher comparável ao de Da Vinci, Goya, Bosch, Rembrandt, Picasso e muitos mais. Talvez Marie Laurencin, raramente alinhada aos grandes criadores. Mas que existem, existiram.

No Brasil fica mais fácil. Conhecemos Anita Malfatti, Tarsilla do Amaral, Tomie Otake. Entre os talentos atuais é possível citar Anna Bella Geiger, uma caçoca de

54 anos, famosa nos Estados Unidos e Europa e veterana das bienais. Suas telas e macios (processo inventado por ela) têm a função de projetar o desenho sobre o olho de quem vê.

Sua pintura não tem três dimensões, mas chega perto disso. As telas, às vezes, parecem ser uma meia-lua ou uma melancia cortada pela metade, com os almofadados internos correndo juntos. Pendurados como um quadro comum, eles provocam uma impressão estranha: "A intenção é fazer o olho percorrer a maciez do material", explica Anna Bella, "é como dar um drible no olho".



Celia